

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Lorenzo Botsaris Pellegatti

**Imigrantes gregos na América Latina:  
Histórias, memórias e identidade**

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo

2020

LORENZO BOTSARIS PELLEGATTI

**Imigrantes gregos na América Latina:**  
Histórias, memórias e identidade

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção  
do título de MESTRE em Ciências  
Sociais, sob a orientação da Profa. Dra.  
Lucia Maria Machado Bóguus.

São Paulo

2020

# **Imigrantes gregos na América Latina:**

## **Histórias, memórias e identidade**

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Lucia Maria Machado Bóguis  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Luís Felipe Aires Magalhães

---

Profa. Dra. Maura Pardini Bicudo Veras

## **Registro de Bolsa de estudo**

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a quem agradeço pela concessão da Bolsa de Mestrado [134279/2018-2] que tornou possível essa pesquisa.

# AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus pela oportunidade de fazer um mestrado, pelas bênçãos inimagináveis de poder produzir algo para o mundo. Agradeço imensamente o meu pai, Leonardo, a minha mãe, Alexandra, e a minha irmã, Ester, por todo o apoio no decorrer da realização do mestrado, por estarem presentes em todo o este grande processo. Gostaria de agradecer a minha noiva, Tainara Lazanha, por ter me acompanhado desde o começo a minha vida dentro das Ciências Sociais, e também por ter me apoiado e me ajudado muito no decorrer do mestrado. Agradeço também a minha querida professora, orientadora e amiga, Lucia Maria Machado Bógus, que me acompanhou desde a iniciação científica, até a realização do mestrado.

Um profundo agradecimento aos verdadeiros protagonistas deste trabalho, os imigrantes e descendentes gregos das mais variadas coletividades; dentre elas: A Sociedade Helênica de Porto Alegre, e aos queridos Mario Sideris e Anastacia Kyritsis; ao *Instituto Incorporado Colectividad Helénica*, e aos queridos Alejandro Stratiotis, Mario Koutsovitis e Laura Papayannis; a *Colectividad Helénica de Santiago* e a sua querida presidente, María Marinakis.

Agradeço também ao CNPq pelo financiamento da pesquisa, assim como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por me proporcionar essa experiência de me tornar Mestre em Ciências Sociais.

Lorenzo Botsaris Pellegatti

“Eles nem imaginam o que é perder seu lar e talvez nunca mais encontrar outro, ter sua vida inteira dividida entre duas terras e se tornar a ponte entre dois continentes – imigrante” – Rupi Kaur

# Resumo

O trabalho a seguir foi desenvolvido com o intuito de identificar as coletividades helênicas e seus imigrantes e descendentes gregos presentes dentro das principais cidades da América Latina, como, São Paulo, Porto Alegre, Santiago e Buenos Aires, além de compreender os motivos da emigração destes e como foi desenvolvido o processo imigratório. Ademais, se foi apontado onde se localizam os descendentes dos antigos imigrantes e quais os ofícios nos dias atuais, além da participação ativa ou inativa nas coletividades helênicas. A questão um tanto quanto problemática da identidade foi explorada com a intenção de compreender como estes mesmos imigrantes e descendentes se identificavam em todo o processo de desenvolvimento social. A receptividade e eficiência das coletividades em cumprir com o papel primordial: disseminar a cultura grega e preservar a memória dos imigrantes e das gerações futuras. Além de tudo, quais os meios funcionais que as comunidades gregas têm para cumprir com tal função. Para tanto, Stuart Hall nos leva a compreender o processo da identidade cultural na pós-modernidade e quais os efeitos positivos e negativos, além de perceber que as coletividades lutam justamente contra essa ideia de “identidades móveis”, sem criar raízes e sem a ideia fixa de uma identidade característica e forte. Além de compreender como o processo das identidades, o processo imigratório e o da preservação das memórias é diverso de coletividade para coletividade. Essas ideias, assim como novas interpretações e compreensões dos temas salientados acima remetem a composição deste trabalho, na busca de disseminar o que foi/é a imigração grega e como ela vem sendo representada na América do Sul, com histórias, memórias e vivência dos imigrantes e descendentes gregos.

**Palavras-chave:** Coletividades helênicas, Identidade, Imigração.

# Abstract

The following work was developed in order to identify as Hellenic collectives and their immigrants and Greek descendants present in the main cities of Latin America, such as São Paulo, Porto Alegre, Santiago and Buenos Aires, in addition to understanding the reasons for the migration and how it was immigration process developed. In addition, it was pointed out where the descendants of ancient immigrants are located and which work they are doing today, in addition to active or inactive participation in Hellenistic collectivities. A question about the identity problem has been explored with the intention of understanding how these same immigrants and descendants identify themselves in the entire process of social development. The receptivity and efficiency of the communities in fulfilling their primary role: disseminating a Greek culture and preserving the memory of immigrants and those of the future to come. After all, what are the functional means that as Greek communities have to fulfil this function; For this, Stuart Hall leads to understand the process of postmodern cultural identity and what are the positive and negative effects, in addition to realizing what collectives are fighting against this idea of “mobile identities”, without creating roots and without a fixed idea a characteristic and strong identity. In addition to understanding how the identity process, the immigration process and the preservation of memories is different from collectivity to collectivity. These ideas, as new interpretations and understandings of the themes highlighted above, refer to a composition of this work, in search of dissemination or that was / is a Greek migration and how it has been represented in South America, with histories, memories and experiences of immigrants and Greek descendants.

**Keywords:** Greek collectivities, Identity, Immigration

## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>CAPITULO 1 – BRASIL</b>	<b>16</b>
<b>1.1 – São Paulo, a cidade dos imigrantes gregos</b>	<b>16</b>
<b>1.2 – Porto Alegre e os imigrantes gregos</b>	<b>28</b>
<b>CAPÍTULO 2 – ARGENTINA</b>	<b>43</b>
<b>2.1 – Histórias dos Imigrantes Gregos em Buenos Aires</b>	<b>43</b>
<b>2.2 – Coletividade e preservação da memória do imigrante</b>	<b>44</b>
<b>2.1– A identidade do imigrante e descendente grego</b>	<b>50</b>
<b>CAPÍTULO III – CHILE</b>	<b>63</b>
<b>3.1 – Histórias dos imigrantes gregos em Santiago</b>	<b>63</b>
<b>3.2 – A importância da coletividade grega e a identidade dos gregos em Santiago</b>	<b>65</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>76</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>85</b>

## Introdução

Entende-se que migração é o processo de deslocar-se para outro lugar, país ou região. E é sobre esse processo que discorre este trabalho.

Segundo Singer (1985), o mais provável é que a migração seja compreendida como um processo social qual o fenômeno faz movimento grupal e não individual. Quando se deseja investigar processos sociais, as informações colhidas numa base individual conduzem, na maioria das vezes, a análises psicológicas, em que os principais condicionantes macros sociais são desfigurados quando não omitidas. O ato de emigrar (a saída do indivíduo do país de origem) nos leva a compreender a formação da imigração (movimento de estrangeiros para um país temporariamente ou permanentemente).

Convém ressaltar que há motivos individuais de cada sujeito para migrarem, motivos estes que de se manifestam no quadro feral de condições socioeconômicas que induzem a migrar. É óbvio que os motivos, salvo seus aspectos subjetivos é claro, correspondem a características dos indivíduos que os tornam mais propensos a migrarem, como é o caso dos mais jovens, alfabetizados, solteiros e assim por diante. (SINGER, 1985)

A emigração se difere da migração essencialmente no motivo da mudança de território. Não é algo que ‘evolui’, ou se transforma, é um ato de mudança constante em que os meios se modificam, mas o início e o fim sempre acabam no mesmo lugar. Segundo Aprile (2017, apud SARMIENTO, 2017) E, também, a emigração tem um significado que abrange o sentido socioeconômico e político, como um motivador dos deslocamentos.

Com relação à emigração, o que se pode compreender, portanto, que muitas vezes ela acontece de forma espontânea, mas que no fim tem um objetivo específico que coincide com as expectativas do emigrante, por exemplo, um indivíduo que sai do seu país em busca de uma nova realidade econômica, planeja essa saída, por mais que ela possa parecer totalmente espontânea. Como cita Aprile, (2017, apud SARMIENTO, 2017): “[...] as migrações espontâneas, onde milhares de sujeitos anônimos formam um fluxo quantitativamente importante em um espaço de tempo, ainda são muitas vezes

consideradas como fortuita ou condicionadas pela visão de um acontecimento histórico ligado a um fenômeno de partida. Segundo Sarmiento (2017), “a controvérsia era ideológica, entre os que julgavam de maneira otimista o desenvolvimento social, e os pessimistas que recusavam essa justificativa”. O que acontece é que se pensava que muitos dos imigrantes que deixavam os seus países de forma espontânea buscavam na verdade fugir da miséria que assolava o país em que viviam, e outros pensavam que muitos estavam à procura de fortuna, de fazer riqueza e voltar para o seu país. Sabe-se que ambas as ideologias estavam corretas, uma vez que eram baseadas em fatos históricos e entrevistas realizadas com esses mesmos imigrantes.

Todavia, o tema que se segue tem suas raízes na América Latina e no Brasil; sendo assim, existem diferenças e semelhanças do processo migratório brasileiro/latino-americano e outras migrações citadas por Aprile e Singer. A emigração grega na América Latina é um assunto que carece de maiores discussões no meio acadêmico, contando com poucas referências bibliográficas disponíveis, e, portanto sugere-se a exploração e análise do tema, visto os impactos sociais que essa mesma emigração fez nos bairros de São Paulo, na cidade de Buenos Aires com as quatro coletividades gregas e a principal delas o *Instituto Incorporado Colectividad Helénica*, em Porto Alegre e em Santiago. Essa emigração teve o seu ápice em São Paulo nos anos 50, segundo Vassiliki Constantinidou em seu livro “Os Guardiões Das Lembranças: Memória E Histórias Dos Imigrantes Gregos No Brasil.”. E quando se fala em coletividades helênicas, perguntas como: o que significa ser grego fora da Grécia? Por que um grego de terceira geração que se quer fala grego se considera grego? Quais os recursos que nos permitem identificar a continuidade dos gregos como comunidade? (Cervetto Carina, Contino Roxana y Suarez Liliana, 2009). Essas são algumas perguntas que estão presentes dentro da temática deste trabalho e que ao longo do processo foram respondidas, ou pelo menos interpretadas de forma mais clara.

A imigração grega foi um processo que permitiu o choque entre a cultura brasileira, argentina, chilena e grega, mas também uma nova oportunidade no novo mundo. Das três principais imigrações gregas, as mais relevantes foram na década de 50 (guerra civil grega); nos anos que perduraram a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no final do século XIX e começo do século XX, na Primeira Guerra Mundial e na Guerra Grego-Turca. Dentro desse contexto foi possível entender os motivos da saída dos gregos do seu país de origem e a busca pela melhoria de vida no novo continente.

No âmbito deste trabalho se pretenderá explicitar as relações dos novos moradores das capitais presentes e suas dificuldades com a língua falada; o choque de culturas e as diferenças entre as pessoas de cada povo, fazendo com que se crie uma nova cultura brasileira-helênica, argentina-helênica e chilena-helênica; podendo perceber que muitos adeptos da cultura grega não possuem vínculo nenhum com a Grécia, isto é, parentes ou, amigos.

Também será possível delinear melhor o movimento da imigração grega (o antigo e o atual), e compreender como essa decisão foi feita e como ela foi pensada. Por meio deste trabalho viajou-se para os lugares onde a emigração grega foi algo latente e com isso foram realizadas entrevistas com alguns desses imigrantes no Brasil, Argentina e Chile.

A história da emigração grega é complexa e extensa, como muitas histórias de emigrações mundiais, todavia pode ser de extrema importância não só para aqueles que se identificam com a história da Grécia e os descendentes de gregos, mas também para a sociedade em geral, todos já ouviram falar da Grécia, porém, poucos sabem sobre a história recente desse país e de seus imigrantes, que ajudaram na lapidação da cidade de São Paulo, de Florianópolis, de Santos, segundo Vassiliki Constantinidou.

As memórias são registradas nos papéis, nas fotografias, nos vídeos e em diversos meios de comunicação, porém, só alguns dos inúmeros imigrantes que realmente viveram essa experiência podem falar e explicar o que foi o que é e o que se tornou essa aventura que pode ser intitulada como de ‘Diásporas Gregas’.

O trabalho foi pensado, primordialmente, com o intuito de recuperar a memória do emigrante, assim como fez Michael Pollak em sua obra, “Memória, Esquecimento e Silêncio”, onde ele resgata as memórias de pessoas que sobreviveram aos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. Outro aspecto observado são os estudos dos processos migratórios, feitos por Paul Singer, que realizou estudos sobre os processos de imigração na América Latina. Pretende-se investigar como se constitui a identidade do emigrante grego no Brasil e na América Latina, assim como Stuart Hall faz com outros povos em seu livro “A identidade Cultural na pós-modernidade”.

A Grécia Clássica, da caverna de Platão, de Sócrates, os deuses da mitologia grega, entre outros estudos clássicos ainda hoje constitui a ideia que se tem sobre o país, mas deixa-se de lado a riquíssima história que Grécia Moderna construiu em todos esses

anos de existência e como as crises no mundo moderno acabaram derrubando uma parte de tudo isso.

O capítulo I é dividido em duas partes, e ele nos permite compreender como a maior cidade do Brasil, São Paulo, e a cidade de Porto Alegre receberam os imigrantes gregos e como as coletividades foram formadas e desenvolvidas; além de perceber se a emigração foi algo espontâneo de forma geral, assim como se o Brasil foi o país selecionado propositalmente. Os estudos de Stuart Hall, Pollak, Singer, Vasiliki Constantinidou estão presentes no decorrer do capítulo (assim como nos demais capítulos). Consequentemente, o Brasil foi o destino mais selecionado pelos imigrantes gregos, principalmente a cidade de São Paulo que na década de cinquenta recebeu milhares de famílias dentro do processo imigratório em comparação com as outras cidades trabalhadas (Buenos Aires e Santiago). Mas, que nos dias atuais as coletividades em São Paulo e em Porto Alegre não promovem grande influência no espaço social/cultural no caso comparado com as outras metrópoles exploradas do trabalho.

O capítulo II é focado na capital da Argentina, Buenos Aires, e sua massiva coletividade helênica que compõe relevantemente o cenário nacional; no capítulo é possível perceber a quantidade de gregos-argentinos, pois existem mais de quatro coletividades helênicas ativas em todo o território da capital. As coletividades possuem o mesmo objetivo: disseminar a cultura helênica e preservar a memória da mesma. Para isso, a principal das coletividades, o *Instituto Incorporado Colectividad Helénica*, detém um espaço para um colégio grego, com o foco nas atividades culturais gregas; por exemplo, aulas de danças típicas gregas e aulas do idioma grego. Dentro do capítulo pode-se perceber a influência que as mulheres gregas (e mulheres no geral das outras culturas) têm em disseminar a cultura e preservá-la da mesma forma, e como o papel delas é fundamental na manutenção cultural dentro da dinâmica emigratória. Assim como no capítulo do Brasil, é possível trabalhar a questão da identidade e da preservação da mesma; para isso será utilizado Stuart Hall, Alexandre Portes, Tsolidis, Bauman, entre outros autores e autoras que compõem a ideia da identidade, memória e imigração.

O capítulo III adentra no território chileno, especificamente na cidade de Santiago, onde foi possível conhecer a *Colectividad Helénica de Santiago*; a cidade de Antofagasta (ao norte do Chile) foi atingida pelos imigrantes gregos no final do século

XIX e começo do século XX, porém devido às condições da região, muitos desses primeiros imigrantes se dirigem para a cidade de Santiago (que estava em ascensão), e assim nasce a comunidade grega da cidade de Santiago. Uma comunidade que não está preocupada somente com os gregos e seus descendentes, mas também com aqueles que admiram a cultura grega, os chamados filo-helenos. O capítulo é composto pelos autores que compõe a base do trabalho presente, Stuart Hall, Alexandre Portes, Sayad, entre outros autores e autoras que abordaram a temática da emigração grega, identidade e memória.

Para tanto, as hipóteses do trabalho demonstram certa preocupação com relação à cultura grega, pois a mesma conforme o passar dos anos se esvai, visto a relação de descendentes gregos com não descendentes gregos; o que impulsiona uma mistura cultural, barrando de certa forma a tradição helênica. Outra hipótese observada é o protagonismo das mulheres gregas como as maiores disseminadoras da cultura helênica em todo o processo da emigração, fazendo com que a base cultural permaneça em casa para depois ser mantida dentro das coletividades. Uma hipótese que foi explorada no decorrer do trabalho seria a existência de uma ‘crise de identidade’ promovida pela sociedade onde o imigrante e/ou o descendente grego estivesse inserido, trazendo assim, a dúvida de agir como grego, brasileiro, argentino ou chileno. Ao mesmo tempo uma hipótese percebida é o papel das coletividades helênicas ser fundamental para a manutenção e perpetuação da cultura grega em outros países, possibilitando assim que os novos descendentes (assim como os antigos descendentes que deram início) possam desfrutar da cultura helênica em outros países e de certa forma no tempo da pós-modernidade, onde os valores são definidos de forma relativa e as identidades sociais estão em constante flutuação.

Os entrevistados autorizaram a utilização dos nomes e dos registros fotográficos coletados no decorrer da pesquisa, possibilitando a realização do presente trabalho, que proporcionou registros do espaço físico e social que os descendentes e as coletividades gregas ocupam, promovendo uma história através das imagens. Ademais, procurou-se uniformizar as questões aos entrevistados de modo que fosse possível realizar bases comparativas das relações sociais e culturais, das metrópoles e quais seriam as diferenças de cidade para cidade. As coletividades, por exemplo, desempenharam funções diversas no Século XX, onde a preocupação era a de promover redes sociais para que os imigrantes pudessem se relacionar de modo que os mesmos se sentissem em

casa; a mudança é nítida nos dias atuais, onde as coletividades trabalham para manter viva a cultura helênica, pois muitos dos descendentes abandonaram a cultura tradicional de suas famílias.

A metodologia utilizada foi baseada em entrevistas qualitativas com informantes qualificados descendentes de gregos, ou gregos que emigraram para os respectivos países apresentados no trabalho; ademais, o roteiro da pesquisa buscou seguir uma uniformidade com relação às questões trabalhadas nas entrevistas, visto que se trata de uma pesquisa internacional, as questões foram colocadas em uma posição prática com o intuito de recolher informações que formassem uma base de cada país/coletividade estudada.

## CAPITULO 1 – Brasil

### 1.1 – São Paulo, a cidade dos imigrantes gregos

Neste capítulo serão abordadas duas cidades específicas onde à imigração grega é relevante e tem certa influência; dentre as cidades relevantes, destaca-se São Paulo e Porto Alegre.

Muitos dos caminhos percorridos pelos imigrantes foram semelhantes e outros, consequentemente, muito diferentes; grandes partes dos gregos saíram do porto de Genova, no noroeste da Itália, próximo de Turim e Milão; pois, não existiam saídas do porto de Atenas que viriam direto para a América. As causas das imigrações eram semelhantes, visto que Jones (1992) salienta sobre os três pilares que moldam a transnacionalização: primeiro, o limite da unidade social; a experiência do imigrante transnacional interfere diretamente nas condições do capitalismo global; e por fim, a aparição dos imigrantes transnacionais fortalece a ideologia dos grupos nacionais, étnicos e raciais. O movimento de imigração é algo que ultrapassa as fronteiras nacionais, englobando mais do que um país; no caso da diáspora grega, foram envolvidos: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile e Estados Unidos. Dentro de cada um desses países encontra-se a cultura helênica enraizada fortalecendo a ideologia do grupo em redes sociais que elevam o nacionalismo grego.

A maior parte dos gregos e seus descendentes vivem hoje na cidade São Paulo, dedicando-se ao comércio e às profissões liberais. Porém, a comunidade em São Paulo não é grande, cerca de vinte mil pessoas, segundo o consulado grego. No momento da chegada a cidade São Paulo esses imigrantes se instalaram nos bairros do Brás (sudeste), Pari e Bom Retiro (centro), bairros que ainda permanecem com alguns imigrantes e seus filhos. O Bom Retiro é um bairro rotativo que contém grande parte de imigrantes; nos dias de hoje o forte do bairro são os orientais, principalmente os sul-coreanos. Mas, ele já foi e ainda é bairro residencial dos imigrantes gregos, russos, poloneses, coreanos, japoneses, italianos e bolivianos.

Ninguém escolheu ao certo o país de destino, pois os imigrantes gregos lutavam pela sobrevivência da família, o que se sabe é que o imigrante planeja essa saída, por mais que ela possa parecer totalmente espontânea. Como cita Aprile, (2017, apud SARMIENTO, 2017):

[...] as migrações espontâneas, onde milhares de sujeitos anônimos formam um fluxo quantitativamente importante em um espaço de tempo, ainda são muitas vezes consideradas como fortuita ou condicionadas pela visão de um acontecimento histórico ligado a um fenômeno de partida.

Com isso, poderíamos relacionar o efeito que o capitalismo teve na época das imigrações. A imigração grega data-se no Brasil ao final do século XIX no Rio de Janeiro, mas sem registros precisos; a imigração se intensificou no decorrer do século XX, atingindo o seu ápice na segunda metade do século, pós-guerra civil grega. A imigração partia de uma hipótese, o “enriquecer nas Américas”; esse foi um dos pontos de parte da população grega que passava dificuldades na Grécia, pós-domínio nazista na Segunda Guerra Mundial. As motivações foram às mesmas; guerras, fome, busca de uma vida melhor. O efeito do capitalismo se mostra dentro das imigrações quando existe uma necessidade de uma mobilidade social e profissional; e essa necessidade geralmente é motivada por crises internas dentro do país de origem. Ademais, pode-se perceber pelas entrevistas que o anseio de imigrar parte da lógica de uma individualidade no sentido de alcançar novas posições sociais (melhores condições socioeconômicas).

Alguns vieram para o Brasil com o anseio de uma vida próspera, Nikolaos Mihail Botsaris veio para o Brasil em busca de seu irmão, Dimitri Mihail Botsaris, que por cartas comunicava que seria possível acumular capital para uma vida digna. A definição que Paul Singer faz (1985) se encaixa no processo imigrante, onde o regime é social e o grupo atuante, ou seja, o grupo age em conjunto esse grupo atuava em prol dele mesmo com a fundação da coletividade helênica de São Paulo, com festas típicas, a construção da Catedral Metropolitana Ortodoxa, fundada em 1954, localizada na Rua Vergueiro, assim como a construção da Igreja Ortodoxa Grega de São Pedro, fundada em 1958, localizada na Rua Bresser – Brás. Os imigrantes gregos se chamavam de *patrícios* como uma forma de identificação, Stuart Hall (2002) fala sobre o hibridismo cultural sinalizando que as identidades culturais são híbridas, ou seja, movidas por mudanças, encontros e desencontros; essa forma de se identificar com um termo específico faz parte dessa construção social da identidade.

O resgate e a preservação da memória e das tradições dos imigrantes gregos estão dentro das coletividades, que são as redes sociais formatadas no novo país; proporcionando uma cultura tradicional no país anfitrião, e assim possibilitando identificar-se culturalmente e socialmente como ‘grego (a)’. Mas, o que Portes (2004) chama a atenção é a forma de incorporação na sociedade anfitriã que pode fazer com que haja maiores iniciativas transnacionais; onde se pode relacionar o porquê algumas comunidades étnicas se voltam para elas mesmas, sem levar em conta a interferência externa (do país anfitrião) e com o anseio de retorno à comunidade de origem.

A coletividade helênica de São Paulo foi fundada em 14/03/1937 e está localizada na Rua Bresser, 793 – Brás. Um trecho retirado do livro “Guardiões das Lembranças”, de Vassiliki Constantindou, descreve qual era a realidade das associações gregas no século XX:

Até meados da década de 30, os gregos da América do Sul viviam praticamente isolados em suas cidades. Quase não há organismos que os reúnem (coletividades, associações, ligas benéficas), nem uma rede suficiente de consulado. [...] Em São Paulo, os gregos tinham como ponto de encontro a Igreja Ortodoxa Síria da Rua Basílio Jafet, na região da 25 de Março. Desse grupo de gregos, a maioria vinda da Ásia Menor, surge a Coletividade Helênica de São Paulo.

O que se pode compreender é que não haviam comunidades gregas estruturadas legalmente e socialmente; o fato curioso é a reunião diante da Igreja Ortodoxa Síria por ser a cultura mais “próxima” da grega nos anos trinta. Vassiliki disponibiliza um relato de Abrão Nasser, o primeiro presidente da Coletividade Helênica de São Paulo, onde os comentários refletem os motivos principais para a criação de uma rede onde os gregos pudessem se fortalecer como corpo estrangeiro social imigrante:

*Nós não tínhamos catedral. Tinha a Igreja Síria na Rua Itobi, hoje chamada Basílio Jafet. Dia de Páscoa, dia santo do ortodoxo, todos os gregos apareciam lá. Nós fazíamos uma turma, cada um se conhecia, batia papo. Um dia, eu disse: de vez em quando, vamos nos reunir conhecer uns aos outros, fazer amizade, porque pela situação mundial está parecendo que vão aparecer muitos gregos por aqui. Era por volta de 1936. A guerra arrebentou em 39. Olha, disseram, que boa ideia. Vamos fazer uma sociedade para proteger se alguém precisar. Preparar para o futuro. Vai ser útil para a colônia. Aqui tinha umas cem famílias. No fundo da Igreja tinha um grande salão. Eles permitiram que a gente se reunisse lá. Conversa vem, conversa vai, eu vi que tinha três classes de pensamento. Um diz que fulano é comunista, não queremos entrar, outro dizia que o sujeito tinha má origem, outro não sei o quê... Então eu*

*disse: Olha aqui, todo mundo tem direito de ter suas ideias, seus costumes, seus hábitos. Por que nós queremos fazer essa sociedade? Querem me responder? Nós queremos para o bem da colônia. Vamos fazer uma sociedade grega e nós vamos ter um estatuto, lógico, reconhecido pelo governo, tudo direitinho. Agora não podemos ter divergências, divergência só depois do estatuto. Uns aceitaram, alguns não concordaram... Então nós marcamos a segunda reunião. Dessa vez era para definir quem vai ser presidente. Discussão pra cá, pra lá. Um queria o Nicolau Zarvos, que era um homem riquíssimo naquele tempo, outro queria Leônidas, um rapaz muito inteligente. Um levantou e disse – Olha, eu não falo grego e o meu sobrenome é árabe, acho que não... Nós queremos que você seja presidente. Eu vi que não ia acontecer, não tinha jeito de a minha ideia dar resultado, se não aceitasse. Aceitei, com condição de permanecer só um ano. – Eu faço tudo, depois entrego a vocês. A maioria, éramos mais ou menos, no dia que houve eleição, setenta pessoas. Quase oitenta – noventa porcento me elegeram. Concorreram mais duas chapas: a do Nicolau Zarvos e a chapa de Christos Anguelides.*

*Abrão Nasser.*



Imagen 1: Primeira diretoria da Coletividade de São Paulo. Ao centro, (de terno branco) o presidente Abrão Nasser. Fonte: “Guardiões das Lembranças”, página 139.

O depoimento de Abrão Nasser permite que possamos entender a necessidade da criação de uma comunidade étnica (que pode ser compreendida aqui como a “criação” da identidade grega em São Paulo) que permita a realização do acolhimento do imigrante recém-chegado, pois como se pode observar na fala do entrevistado de Vassiliki, “Nós não tínhamos catedral. Tinha a Igreja Síria na Rua Itobi, hoje chamada Basílio Jafet. Dia de Páscoa, dia santo do ortodoxo, todos os gregos apareciam lá. Nós fazíamos uma turma, cada um se conhecia, batia papo.”, na década de trinta dispor de uma catedral específica da sua nacionalidade não era simples; mas, era essencial para as

comunidades estruturadas que tinham acesso. Como definiu Bauman com relação à identidade (2005):

A “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando mais ainda – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser suprimida e laboriosamente oculta.

O que Bauman disserta sobre a identidade nos leva a compreender que os imigrantes quando chegam à cidade de São Paulo se sentem deslocados (mesmo estando conectados em “redes” com os grupos que vieram) e esse deslocamento abre a brecha para que o simbolismo da identidade cultural grega seja desenvolvido mediante a realidade dos imigrantes gregos, pois a identidade anteriormente “praticada” na Grécia era definida como o pertencimento à nação grega. Isso é fragmentado quando a “nova identidade” é inventada no novo meio em que os gregos estão.

Outro ponto que chama a atenção é perceber que existia uma necessidade da criação de uma coletividade onde fosse forte para que defendesse os novos imigrantes e que pudesse respaldar os que já se encontravam em São Paulo, “Vamos fazer uma sociedade para proteger se alguém precisar. Preparar para o futuro. Vai ser útil para a colônia. Aqui tinha umas cem famílias. No fundo da Igreja tinha um grande salão. Eles permitiram que a gente se reunisse lá.”. Isso mostra que a ideia de criar uma coletividade partia da “defesa do imigrante” e em nenhum momento pensava-se em continuar disseminando a cultura helênica, até porque grande parte desses fundadores da coletividade acreditava que voltariam para a Grécia. Porém, um ano depois, um Decreto-Lei nº383 de Getúlio Vargas fez com que Abrão Nasser deixasse a presidência da coletividade, pois a lei proibia os brasileiros de fazerem parte de associações estrangeiras.

A coletividade Helênica de São Paulo está localizada na Mooca; e como qualquer coletividade helênica, oferece aulas de danças gregas, cursos de grego e também auxílio para aqueles que buscam a cidadania grega. Como está definido no site da coletividade, o objetivo consiste em:

Cultivar as tradições, idioma e cultura helênica; propiciar a convivência entre gregos, descendentes e filo-helenos<sup>1</sup>; reforçar o elo com as instituições governamentais da Grécia e firmar parcerias com as entidades da diáspora grega.

A coletividade de São Paulo tem como Presidente o Stayros Kyriopoulos e a Igreja Ortodoxa Grega de São Pedro faz parte do complexo onde a coletividade está localizada. A coletividade tem ligação direta com o Consulado Grego que está localizado na Av. Paulista, 2073 – Conjunto Nacional Horsa II, 23º andar, Cj.2303, que conta com Stylianos Hourmouziadis como Cônsul Geral.

A coletividade possui um grupo específico chamado Pedilea que foi criado em 1982, levando em conta o grande número de descendentes de gregos com o intuito de preservar a cultura helênica; o grupo é composto por crianças de seis a dezenove anos descendentes de gregos ou não. A diretora Maritsa Mitsa Krystalas tem o apoio da coordenadora Martina Krysalas e a coreógrafa Millena Krystalas de Abreu. O grupo não mostra somente os passos das danças, mas também a origem de cada uma delas, algumas curiosidades e também muitas das tradições da cultura grega. O local de ensaio é dentro da coletividade (Rua Bresser, 793), todos os sábados das 14 às 16 horas e as aulas são gratuitas.

No decorrer da pesquisa pode-se observar a tendência dos imigrantes gregos colocarem a Igreja Ortodoxa como base. Visto que em todas as coletividades citadas no presente estudo, as Igrejas destacam-se como o lugar mais importante para a reunião dos imigrantes e descendentes.

Outro espaço que preserva a cultura grega é o Areté – Centro de Estudos Helênicos. O nome Areté, é uma expressão grega que pode se entender por virtude, excelência; o espaço se encontra a Rua dos Macunins, 495, Vila Madalena, São Paulo. Formado por um grupo de pessoas que compunha o Centro Kaváfis de Cultura Helênica desde 2004 organizou um projeto para a construção de um espaço para o estudo e divulgação de cultura helênica em São Paulo. Como está na página da internet do grupo Areté:

Areté – Centro de Estudos Helênicos é uma associação civil sem fins lucrativos e econômicos, de caráter cultural, constituída estatutariamente nos moldes de uma ONG (Organização Não

---

<sup>1</sup> Aquele que admira a cultura grega e a Grécia como um todo

Governamental) e OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), fundada em 28 de maio de 2011.

Os objetivos da instituição são semelhantes aos da coletividade de São Paulo; promover alguns estudos clássicos sobre a filosofia, mitologia, literatura, artes, histórias, danças, esportes, cinema e cultura em geral.

Seguindo a trajetória dos imigrantes gregos em São Paulo nos anos cinquenta, Nikolaos Mihail Botsaris foi um dos entrevistados que explicou suas motivações para deixar a Grécia. Nikolaos nasceu em Atenas, no dia 19/04/1938, filho de Mihail Botsaris<sup>2</sup> e Fotini Botsaris. Quando perguntado como foi à infância, ele responde extremamente sentimental: “difícil, com fome, com frio, mas foi boa”. Ele passou fome quando criança em decorrência da Segunda Guerra Mundial, contou também que viu muitos dos colegas de infância dele morrerem por conta da guerra. Com toda essa situação vivida, Nikolaos decide correr atrás de seu irmão mais velho, Dimitri Mihail Botsaris, que saiu da Grécia em busca de melhores condições econômicas para a sua família.

Nikolaos Botsaris é descendente de um dos heróis da guerra da independência grega contra o Império Otomano chamado Markos Botsaris<sup>3</sup>; este era o líder dos Souliote (clã grego conhecido pelo poder militar e resistência diante do domínio do Império Otomano) que estavam localizados a região de Souli, no Épiro. O legado deixado por Markos mostra a coragem e resistência contra os turcos que exploravam os gregos; os gregos se tornaram independentes no dia 25 de março de 1821, depois de uma opressão de quatrocentos anos do Império Otomano.

---

<sup>2</sup> A família Botsaris é conhecida na Grécia, por conta do Markos Botsaris, um herói de guerra da Independência Grega contra o Império Otomano.

<sup>3</sup> Μάρκος Μπότσαρης, em grego.



Imagen 2: Retrato de Markos Botsaris. Fonte: google.com

Nikolaos deixou a Grécia aos dezenove anos no dia 30/10/1957, chegando a São Paulo no ano de 1957, precisamente registrado no dia 11/12/1957. Profissão de engomadeiro. O que era uma mentira; segundo Nikolaos, era necessário para o registrado de imigração dispor de um emprego. Chegando à cidade de São Paulo, ele foi à procura de seu irmão e começou a trabalhar como ajudante de serviços gerais. Instalou-se na Vila Hamburguesa e comentou que a maior dificuldade era língua, tanto que ele aprendeu bem a falar português com os seus sobrinhos (filhos de Dimitri), Michel com doze anos e Panagiotis (Paulo) com oito anos.

Com isso, Nikolaos trabalhou em diversos empregos, mas sempre com aquela vida de imigrante, aos poucos se estabelecendo como cidadão grego morador de São Paulo. Não chegou a ter muito contato com a coletividade helênica em São Paulo, pois segundo ele a coletividade era elitista e ele, era pobre. Nikolaos casou-se com uma brasileira, nascida na Bahia, Maria Altenora Dantas em 1964. Tiveram quatro filhas, Kriçula, Diana, Alexandra e Larissa. Pode-se compreender o problema iminente não só na história de Nikolaos, mas nas histórias dos emigrantes num contexto geral:

As migrações de trabalhadores com fracas qualificações foi crucial para o desenvolvimento industrial após 1954 na maioria dos países ricos (...) Os países recém industrializados continuam a importar mão de obra não qualificada, frequentemente para a indústria da construção e para as plantações. No entanto, este recrutamento assume a forma de utilização sistemática de migrantes ilegais ou de pessoas em busca de asilo, cuja privação de direitos facilita a sua exploração. É, pois, uma

das grandes ficções da nossa era que a ‘nova economia’ já não necessitaria de trabalhadores desqualificados. (Castles, 2005, p.59)

Muitos dos imigrantes que chegaram ao Brasil não eram qualificados; isso acontecia desde o começo do século XX, fazendo com que muitos dos recém-chegados trabalhassem nas plantações de café no interior de São Paulo. Nikolaos e seu irmão não eram detentores de uma profissão específica, como foi salientado acima, e isso implicava na execução de trabalhos variados.

Com muito esforço e trabalho, Nikolaos alcançou a “glória”; abriu uma empreiteira no bairro da Santa Cecília (bairro onde ele residia depois de casado) e com a empreiteira conseguiu emancipar-se economicamente. Quando perguntado se existia um desejo de voltar para Grécia, Nikolaos comenta que existia, e que inclusive já havia voltado para o país três vezes; a primeira em 1973, a segunda em 1997 e a terceira em 2006, sendo esta a sua última e mais longa visita (morou por seis meses com sua esposa em Atenas). Porém, seu objetivo sempre foi retornar para a Grécia. Nunca mais viu seu pai e sua mãe, pois quando havia retornado a primeira vez, ambos já haviam falecido.

Quando questionado sobre a cultura grega e qual era a sua visão sobre, Nikolaos disse:

Sempre dancei na minha casa, parece que é algo natural dos gregos... As músicas na minha casa sempre foram gregas e até a culinária. A baixinha<sup>4</sup> aprendeu a fazer todos os pratos típicos gregos que eu comia lá na minha casa. Eu não consigo ver a cultura grega sumir porque ela contém amor, e tudo que vem do amor nunca tem um fim de verdade. Por isso os meus netos, sobrinhos, todos tem uma semente grega no coração.

Pode-se perceber no depoimento de Nikolaos o anseio do imigrante de retornar à sua casa; e como a falta do respaldo, segundo ele, com relação à coletividade helênica fez com que ele se sentisse desconfortável de lidar com a situação de emigrar.

O que se pode comentar com relação à emigração de Nikolaos e também a sua relação com a coletividade grega é o “abandono” social do “ser grego”; pois, como foi identificada, em sua casa a cultura grega era presente e extremamente natural (afinal, Nikolaos é grego), porém percebe-se em Bauman (2005), um “problema de identidade” do indivíduo social; onde Nikolaos sabia que era grego e tinha consciência de tal fato, porém a dificuldade com relação à emigração e perpetuação da cultura grega em sua

---

<sup>4</sup> Maria Altenora, sua esposa.

vida fez com que uma “identificação” por parte dele com relação ao (Hall, 1996) exterior (mundo público) fosse necessária, visto que o interior (mundo pessoal) vinha sendo trabalhado e formatado com diferentes identidades que passariam a ressignificar o conceito interior e exterior de identidade do entrevistado. Por isso, pode-se compreender a falta de interesse com relação à coletividade helênica, no sentido de o “ser grego” estava da porta para dentro de casa e isso bastava.



Imagen 3: Nikolaos Mihail Botsaris em seu primeiro registro no porto de Santos. Fonte: arquivo pessoal.

Um fato curioso salientado por Vassiliki Constantinidou em seu livro, “Os Guardiões da Lembrança” é a união entre gregos e brasileiros nos anos cinquenta por conta do carnaval, especificamente. Pois, a música e a dança foram extremamente importantes para a integração entre ambos os povos; logo, descobriram-se muitas semelhanças entre o povo grego e os brasileiros, o que possibilitou uma “brasilidade helênica”. O *rebétko*<sup>5</sup> foi algo que junto com o samba fez ambos os povos se aproximarem, as marchinhas de carnaval ajudavam os gregos com a língua e os ritmos eram misturados; existia aqui uma diversidade cultural e uma nova identidade, que seria desenvolvida futuramente pelos gregos e brasileiros, onde os filhos destes seriam

<sup>5</sup> Música popular urbana grega; geralmente tocada em tavernas à noite. Estilo próprio e com influências do Oriente Médio e Ásia Menor (região onde se encontra a Turquia). Praticada desde o final do século XIX e início do século XX foi se intensificando aos poucos na Grécia. É a música dos marginais, dos pobres, dos sem terra, dos famintos, dos drogados e também dos sofredores com relação ao amor; não é tida apenas como um estilo musical e sim como um protesto.

influenciados diretamente pela cultura local, assim como pela cultura tradicional familiar.

Essa integração entre os povos pode ser compreendida usando o que Portes (2004) salienta; porém, o caso se difere do comentado por ele, em que a comunidade se volta para dentro, por receio de preconceitos da população do país anfitrião. Os gregos abraçaram os brasileiros depois de certo ponto, assim como os brasileiros abraçaram os gregos.

Os anos seguintes (contando a partir da data em que Nikolaos chegou a São Paulo) foram de extrema união entre os gregos imigrantes que haviam chego na década de cinquenta; existiam dois pontos principais de encontro: a Igreja Síria da Rua Itobi (já citada) e, aos domingos, a Praça da República passou a ser um lugar frequentado pelos gregos. Isso demonstra ainda a falta de identidade do imigrante grego, visto que a coletividade não era “suficiente” para que os gregos se sentissem “em casa” com seus *patrícios*.

Portanto, com muito esforço e trabalho, as associações de São Paulo foram reestruturadas; com novas ações sociais dentro da comunidade grega, além de eventos benficiares e culturais, a associação passa a deter de uma nova mentalidade que abrigara os novos imigrantes gregos. Um dos fundadores da coletividade helênica de São Paulo, Pedro Papatzanakis, nascido na ilha de Creta, promove aquilo que já era uma ambição dos imigrantes gregos; a doação de um terreno na região do Brás para que assim fosse construída a igreja grega. As obras duraram de 1955 – 1962 (ano de inauguração da Igreja).

A partir disso a coletividade passou a se organizar de forma mais clara e específica; o idioma grego, por exemplo, passou a ser o foco, e as aulas passariam a ser ministradas dentro da própria sede da associação, pois dentro da nova Igreja grega está localizado o salão da coletividade grega e, consequentemente toda a administração desta. Além do idioma, seriam ministradas aulas de danças, no intuito da preservação da cultura; feriados específicos comemorados na Grécia seriam comemorados aqui, como tradições religiosas, por exemplo. Todo esse processo faz com que a memória dos imigrantes gregos não desapareça, e sim renasça com a nova geração de descendentes de gregos.

Junto desse processo de preservação das tradições helênicas, os anos cinquenta e sessenta foram os principais em números de imigrantes que chegaram à cidade de São Paulo; especificamente no ano de 1966, a Coletividade Helênica de São Paulo fundou o Instituto Educacional Ateniense. O colégio grego da cidade de São Paulo, que nos dias de hoje não se encontra em funcionamento. O colégio estava localizado no bairro do Pari (um dos principais bairros dos imigrantes gregos). Além do Brás e Pari, a região que mais abrigou gregos foi (e ainda é) o bairro do Bom Retiro.

O que se pode identificar é a necessidade de preservação da cultura como um todo e em diversas áreas; muitas dessas associações perderam força conforme o passar dos anos, assim como a ideia das tradições culturais serem preservadas. A modernidade tem certa influência dentro desse assunto, visto que as imigrações não são comuns, assim como a religião não representa mais um dos pontos específicos que une o corpo imigrante dos gregos. O desencantamento pelo Mundo reflete a imagem de uma associação que vai ser refletida apenas através da ideia da modernidade e da não necessidade do coletivismo (Weber). A relação com essa ideia é encontrada em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, de Max Weber:

Se é que é possível encontrar um objeto que dê algum sentido ao emprego dessa designação, ele só pode ser uma “*individualidade histórica*”, isto é, um complexo de conexões que se dão na realidade histórica e que nós encadeamos conceitualmente em um todo, do ponto de vista de sua *significação cultural*.

O que Weber define como “individualidade histórica” aponta para algo em que consequentemente acontece em variadas associações; principalmente quando se trata de um grupo que se instalou dentro de outro país com os mais diversos motivos. Após a união de primeira instância, os anos foram passando e as coletividades lutam para preservar a cultura, de um modo geral.

O esforço não foi somente da cidade de São Paulo; Santos e São José dos Campos fundaram suas coletividades helênicas e durante todo o século XX os imigrantes fundaram associações gregas com o objetivo principal de abrigar novos imigrantes e preservar a cultura de um modo em que os imigrantes e os descendentes não perdessem a identidade do ‘ser grego’. Porém, uma das cidades que mais se destacou foi Porto Alegre; a imigração para o Sul do país foi intensa (não tanto quanto

em São Paulo) e de fato, a preservação da cultura na região foi de extrema importância e um tanto quanto simbólica.

## 1.2 – Porto Alegre e os imigrantes gregos

Porto Alegre é uma cidade com diferentes tipos de imigrantes e diferentes tipos de imigrações; berço de muitos italianos e alemães (assim como espanhóis), a cidade possui um verdadeiro museu a céu aberto, onde é possível observar a influência dos europeus na arquitetura e na cultura dos gaúchos moradores da capital do Rio Grande do Sul.

A influência europeia na construção da identidade é extremamente notável; os porto-alegrenses demonstram orgulho e paixão pela descendência, pela cultura e por tudo aquilo que foi transpassado de geração em geração. E para explicar tal ponto, Stuart Hall (2019) comenta:

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto – como nas fantasias do “eu inteiro” de que fala a psicanálise lacaniana – as identidades nacionais continuam a ser representadas como *unificadas*.

Hall explica que a ideia de que a construção de nação é algo totalmente programado e planejado; a forma de representação das identidades nacionais mostra-se constituída quando apresentamos a nação como “um único povo” e com isso abre-se a possibilidade de “unificar”. No sentido em que essa unificação é tida como falsa no momento em que se juntam italianos, alemães e espanhóis em um mesmo Estado (Rio Grande do Sul) e numa mesma cidade (Porto Alegre). Possibilitando assim *híbridos culturais* (o que é comum em todas as nações modernas, especialmente na Europa e nas Américas). Portanto, o que Hall busca explicitar é a ideia do poder cultural sobre a projeto unificador – onde a classe social não importa, assim como gênero ou raça – a cultura nacional representa o todo em uma única identidade nacional, uma grande família.

A Sociedade Helênica de Porto Alegre foi fundada em 1953, porém foi criada formalmente em 28/01/1955; o começo foi em uma sala alugada na Rua Riachuelo, que

servia para os encontros entre os imigrantes gregos. Porém, assim como no caso da cidade de São Paulo, apenas uma sala não foi suficiente; pois, faltava o que para os gregos era considerado o principal: uma Igreja. Aqui se identifica a necessidade de construir uma Igreja para conseguir fazer com que os imigrantes pertencessem à nova região. Bauaman fala sobre a “naturalidade” de pertencimento à determinada região: “(...) a “naturalidade” do pressuposto de que “pertencer-por-nascimento” significava, automática e inequivocamente, pertencer a uma nação foi uma convenção arduamente construída (...). Isso faz com que pensemos nos imigrantes gregos já como não pertencentes a Porto Alegre, o que se mostra claro de início; porém, o objetivo da construção de uma Sociedade Helênica é justamente fazer com que os indivíduos tomem parte dentro da sociedade civil e da própria “sociedade grega” desenvolvida a partir da coletividade na organização de “redes sociais”.

Pois bem, Apóstolos Korantzis (um dos membros do grupo de imigrantes gregos) decide doar um terreno localizado na Rua Monteiro Lobato, 312 – Bairro Partenon, para a construção da Igreja Ortodoxa Grega. A Sociedade Helênica continua localizada na mesma localização até os dias de hoje. Diferentemente da coletividade de São Paulo, a Sociedade Helênica de Porto Alegre é menor, porém a dedicação e a vontade de preservar e disseminar a cultura grega é enorme.

Como qualquer coletividade, a Sociedade Helênica de Porto Alegre executa um belíssimo trabalho em prol da cultura; pode-se compreender como são feitas as festas, as aulas de grego, o sistema de filiação de membros (gregos ou não) e como a sociedade sobreviveu a diversas más gestões e conseguiu “renascer” diante de tais situações.

O presidente se chama Mario Sideris, com sessenta e três anos, nascido na Argentina, em Buenos Aires e filho de imigrantes gregos nascidos na cidade de Atenas. Mario saiu de Buenos Aires e se mudou para Porto Alegre por uma história de amor com a sua esposa, Anastacia Kyritsis. Mario é professor de danças gregas há trinta e cinco anos e sentiu a necessidade de fazer mais pela cultura grega, além de lecionar as danças; sua mãe deixou a Grécia após a Segunda Guerra Mundial com sua irmã, em 1952, devido à fome e toda a situação no pós-guerra, seu pai foi em 1954 e os dois se casaram na Argentina. Mario tem um irmão e uma irmã, Jorge e Irene, respectivamente. Os três nasceram na Argentina, porém antes mesmo de falarem o ‘castellano’, já

falavam grego dentro de casa, o que pode ser interpretado segundo o que Tsolidis (2003) cita:

By describing the impact of their mothers' role on their own processes of identification, these women were struggling to evaluate the worth of what their mothers had bequeathed them in relation to the contexts in which they now functioned. This included the most obvious cultural components such as language, religion and customs.<sup>6</sup>

Pois, a manutenção da cultura grega, segundo Tsolidis, é feita pelas mães gregas que prezam pela transferência da cultura, dos costumes e da religião; se pode comparar a família de Nikolaos Botsaris com a família de Mario, onde Nikolaos casou-se com uma brasileira, logo suas filhas eram gregas-brasileiras, porém o grande diferencial é que apenas uma parcela da cultura e dos costumes foi transpassado para as filhas de Nikolaos, pois sua esposa e mãe de suas filhas é brasileira, logo a diferença que as mães fazem na preservação da cultura grega é crucial; Mario é filho de pai e mãe gregos, onde a mãe o acompanhava em todos os momentos dentro de casa passando a cultura helênica para ele, seu irmão e sua irmã.

Partindo da infância de Mario na Argentina, o mesmo se sentia muito a vontade quando criança, a construção da identidade dele era dividida entre viver como um filho de grego em casa e viver como um argentino fora de casa: “A gente falava grego em casa o dia todo, o problema era ir para a escola depois, porém fui me acostumando com aquela realidade, afinal todos eram imigrantes europeus”. Percebe-se uma unidade pré-estabelecida onde se pode interpretar o local em que Mario vivia era composto por imigrantes e, portanto, era comum a rotina de escutar diferentes idiomas e notar diferentes culturas. A construção da identidade de Mario foi bem concentrada em ser grego da porta de casa para dentro assim como da porta de casa para fora, visto que a comida grega, a dança grega e o idioma grego faziam parte do seu dia a dia – portanto, Mario foi criado como um imigrante grego que aos poucos foi se integrando à cultura argentina.

---

<sup>6</sup> Ao descrever o impacto do papel de suas mães em seus próprios processos de identificação, essas mulheres estavam lutando para avaliar o valor daquilo que o legado de suas mães em relação aos contextos em que agora trabalhavam. Isso incluiu os componentes culturais mais óbvios, como idioma, religião e costumes.



Imagen 4: Mario Sideris, presidente da Coletividade Helênica de Porto Alegre. Fonte: arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pelo entrevistado.

Mario comentou que na época da chamada ‘diáspora grega’, muitos países abriram as portas para receber esses imigrantes gregos como os Estados Unidos, o Canadá, o Brasil, a Argentina e a Austrália (todos esses países possuem números significativos de imigrantes gregos). Portanto, morando em Porto Alegre há dois anos e meio, a sociedade helênica propôs a ele tornar-se presidente da Sociedade Helênica de Porto Alegre. Com relação a essa proposta, Mario comentou: “presidente é somente uma pessoa lá no topo, não pode fazer nada de verdade para mudar; mas, se nós tivermos um projeto e muitas pessoas para ajudar, então conseguiremos juntos.”. Com isso, começa um grande projeto de reforma e recuperação da Sociedade Helênica de Porto Alegre.

O projeto começou cerca de um ano atrás contando com cinco pessoas que estavam trabalhando pela sociedade, hoje, segundo Mario, são mais de cinquenta membros que trabalham pela restauração e pela cultura sem receber dinheiro pelo trabalho realizado, mas em prol de algo maior: a preservação e restauração da cultura grega em Porto Alegre, afinal o que conecta todas essas pessoas e ao mesmo tempo as coloca em uma posição favorável é a descendência e também o anseio por manter viva a memória dos primeiros imigrantes gregos. Foram propostas várias atividades para os

sócios da coletividade helênica como, por exemplo: aulas de grego (conversação), aulas de danças e festas; além das missas realizadas dentro da própria coletividade.

Mario deixa claro que todas essas ações foram importantes para a formação da sociedade grega em Porto Alegre, para a retomada da cultura helênica: “Passamos a reviver a sociedade grega; é importante para a gente, para nós, falando de Grécia que tem uma cultura milenar, antes de Cristo, falando de história e da preservação da mesma”. A importância da fala de Mario no contexto de coletividade helênica e sociedade grega (culturamente falando) são cruciais para a compreensão da identidade nacional que Stuart Hall descreve; pois, ao analisar a Grécia Antiga, supõe-se que a mesma era dotada de filósofos e ao mesmo tempo de guerreiros com culturas diversas entre si, visto a formação do território grego. Agora quando se pensa na Grécia moderna, pode-se observar uma Grécia com uma influência Otomana, onde alguns pratos típicos dividem opiniões sobre a origem (grega ou turca), além das vestimentas no século XVIII e XIX, totalmente influenciadas pelos Otomanos. Isso possibilita que: “Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica, ela é também uma estrutura de poder cultural”. (Hall, 2019). Mario sentiu uma diferença entre a coletividade grega de Buenos Aires e as coletividades gregas (de um modo geral) do Brasil com relação à dança; por respirar dança e viver da mesma, o sentimento dele com relação a isso era que a dança não era explorada e disseminada da maneira que era em Buenos Aires.

Além da preocupação de Mario com as futuras gerações com relação à cultura grega, a culinária, a música, a filosofia, a mitologia, etc., os filo-helenos (admiradores da cultura grega) também fazem parte desse todo, pois como Mario comenta: “Os filo-helenos às vezes parecem mais fortes que nós (gregos); mas, nós gregos abrimos nossas portas, a nossa cultura é mundial”. A fala de Mario abre a possibilidade para a ideia da identidade dentro da globalização; o argumento da globalização é algo presente na pós-modernidade e no sujeito pós-moderno. Afinal, como define Hall (2019), “(...) o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*; todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia...”. Ou seja, o que Hall mostra é que cada um desses meios de representação contém a função de traduzir as identidades em diferentes períodos temporais, onde influenciados pela globalização, cada uma das diferentes épocas culturais possuem diferentes visões/ideias de epaço-

tempo. Pode-se relacionar a ideia do local do imigrante e sua identidade construída ou pré-estabelecida com a ideia de Anthony Giddens (1990, p. 22):

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles.

Os lugares de passagem dos imigrantes, ou os lugares em que os mesmos se estabeleceram possuem as chamadas raízes, visto que o lugar específico é e sempre será o mesmo, o que mudas são as pessoas, a cultura local, a própria modernidade dentro do espaço.

Voltando ao que foi salientado por Mario sobre a cultura helênica ser aberta e mundial, Hall (2019), mais uma vez, mostra o que acontece com as culturas que foram uma vez fortes e hoje são disseminadas mundialmente:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas" – como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastantes distantes uma das outras no espaço e no tempo.

Ou seja, quando se fala em filo-helenos, é sobre essa dinâmica de um consumismo global que não faz parte da realidade de determinada cultura, porém é consumida na ideia de cliente que tem admiração e desejo por determinada ideia dentro da cultura. Portanto, seguindo a ideia de Stuart Hall sobre a globalização e identidade, "as identidades acabam se tornando algo desvinculado de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem "flutuar livremente."'" Não existe a ideia de uma identidade fixa e inabalável, por conta da globalização; ao mesmo tempo em que na cidade de Porto Alegre existem restaurantes gregos que são frequentados por pessoas de diversas descendências, ao mesmo tempo em que na coletividade grega existem "não gregos", pessoas que são chamadas carinhosamente de "agregados", uma esposa, um esposo, um conhecido, que tenha profunda admiração pela cultura ou, que está envolvida indiretamente com a mesma. Portanto, somos rodeados de diferentes identidades que compõem a identidade pessoal de cada um, ainda mais por se tratar de

um período difícil (pós-moderno) onde se demanda muito esforço das coletividades para manter àquela identidade da forma “mais pura” possível.

O projeto de reconstrução da coletividade helênica em Porto Alegre é muito simbólica e vem produzindo frutos a longo prazo; as pessoas que estão trabalhando sobre essa renovação se mostram extremamente amistosas com relação a nova “cara” da coletividade. Como se pode observar a preservação da Igreja Ortodoxa e a reforma do lugar de um modo geral.



Imagen 5: Fachada interna da Igreja Ortodoxa da coletividade helênica de Porto alegre. Fonte: arquivo pessoal

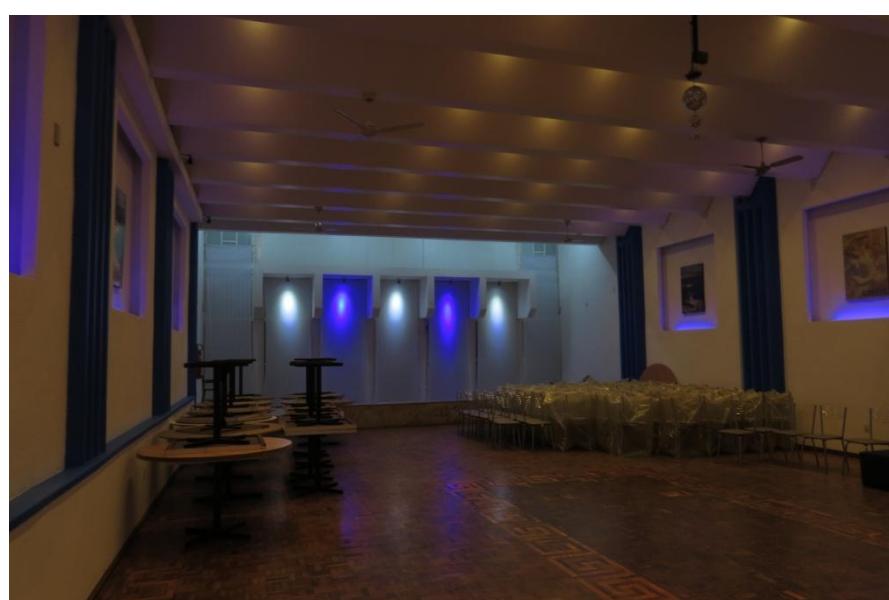


Imagen 6: salão principal da coletividade helênica de Porto Alegre. Fonte: arquivo pessoal.

A Igreja foi restaurada e remodelada, porém ela nunca perdeu a parte clássica dela, ou seja, ela nunca deixou de ser original; assim como o salão principal onde é possível ver a figura *meandros*<sup>7</sup> (chave grega) ao centro do salão, dando um toque extremamente tradicional grego ao ambiente. Mas, do clássico ao moderno se pode perceber a preservação da memória, assim como da história daquele lugar.

A vestimenta típica das mulheres gregas de variadas regiões está enquadrada na parede da coletividade, muitas dessas vestes são usadas como referência na confecção das roupas das apresentações culturais de danças dirigidas por Mario Sideris. E essa ideologia conservadora da memória é constante em qualquer associação cultural.



Imagen 7: Quadro de vestimentas femininas típicas gregas. Fonte: Arquivo pessoal.

Assim como a preservação da história grega em si, a coletividade helênica de Porto Alegre busca conservar as memórias da coletividade. É notável o afinco nos esforços para a preservação cultural, transparecendo o amor e dedicação. Como por exemplo, a imagem abaixo mostra a primeira eleição para a presidência da coletividade helênica de Porto Alegre pouco tempo depois da fundação no ano de 1955.

---

<sup>7</sup> Fronteiras decorativas onde o desenho se repete infinitamente.

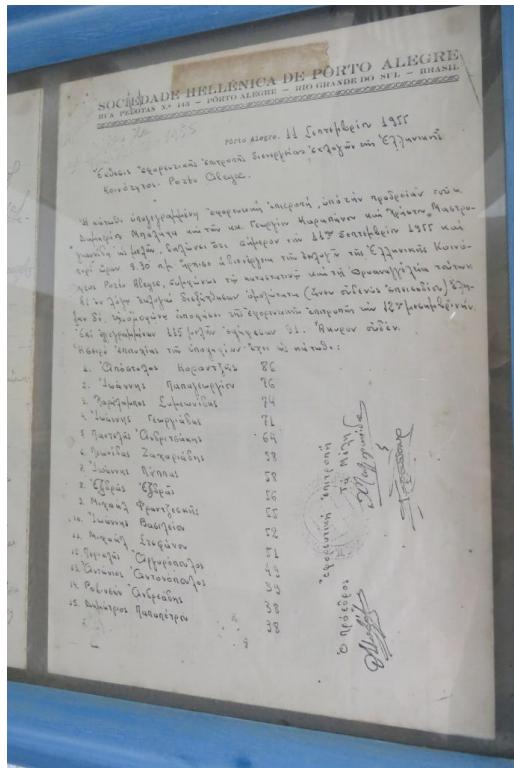


Imagen 8: registro da primeira eleição da Sociedade Helênica Grega em 1955. Fonte: Arquivo pessoal

Essa preservação da memória dos primeiros imigrantes gregos é de extrema importância para a continuidade da cultura helênica, visto que os descendentes jovens tem acesso a esses documentos que possibilitam a compreensão do significado da perpetuação simbólica desses imigrantes; pois, como Mario Sideris salientou: “A continuidade da coletividade é fundamental para a perpetuação da cultura e memória grega, as gerações novas tem a obrigação de preservá-la por amor à cultura.”. A foto abaixo mostra todos os/as presidentes da coletividade helênica de Porto Alegre, alguns com um mandato brilhante, outros com um mandato conturbado e escândalos de corrupção (motivos das recentes crises da coletividade); quando perguntado ao Mario o porquê de sua foto não estar pendurada, o mesmo respondeu: “Não quero ser idolatrado, essa não é a ideia de ser presidente; todos nós trabalhamos juntos, não fiz nada sozinho.”.



Imagen 9: Presidentes da coletividade helênica de Porto Alegre. Fonte: Arquivo Pessoal.

Sobre a Sociedade Helênica de Porto Alegre, pode-se citar Georgios Pantopoulos, quarenta e um anos, natural de Patras, emigrante grego que chegou recentemente ao Brasil e foi acolhido por Mario Sideris e os membros da coletividade helênica nos últimos meses. Chegou em Porto Alegre entre 2014/2015 e trabalha na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) como pesquisador; ele é formado em geologia pela Universidade de Patras. Georgios construiu uma carreira dentro desta universidade, fazendo mestrado e doutorado no mesmo campo de conhecimento.

Georgios é o tradicional emigrante grego que saiu da Grécia em busca de trabalho e encontrou o Brasil como lugar de acolhimento para exercer sua profissão como pesquisador. O trabalho que ele realizava na Grécia é o mesmo que realiza hoje em Porto Alegre. A emigração para o Brasil não foi apenas uma escolha, e sim uma oportunidade. Ao deixar uma carreira acadêmica em sua cidade natal e vir ao Brasil para exercer a mesma profissão, Georgios torna-se um caso inusitado (dentro do contexto da imigração grega), por ser um fenômeno pouco comum relatado pela literatura, visto o período da imigração. O ato de emigrar para o Brasil com um currículo excepcional para um imigrante é incomum; mas, se pode observar que o fluxo migratório entre Grécia e Brasil diminuiu, porém ele não se encerrou. Quando perguntado sobre a coletividade grega, Georgios salientou que não sabia da existência da mesma e que descobriu o espaço há poucos meses; comentou ainda que a coletividade vinha sendo ativa (de fato) há pelo menos um ano – ou seja, a coletividade

esteve em um hiato por longos anos (visto a data de chegada de Georgios). Portanto, as novas faces da imigração no Brasil são resultados de consequências da globalização e ao mesmo tempo de processos específicos realizados pelo imigrante dentro do contexto do país em que ele vive. (2018, BAENINGER, BÓGUS, MAGALHÃES).



Imagen 10: Georgios Pantopoulos Fonte: arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pelo entrevistado.

Dentro do contexto referido acima, se pode compreender o papel fundamental da Sociedade Helênica de Porto Alegre na vida de Georgios; quando este conheceu o espaço reservado para a preservação da memória helênica o mesmo passou a se sentir em casa com diversas dinâmicas que rememoravam sua vida na Grécia. Georgios nunca foi de dançar, porém como Mario Sideris cita: “Estamos trabalhando nos passos de dança com ele há pelo menos dois meses, olha que evolução...”. É sobre essa produção cultural que os primeiros imigrantes gregos se atentavam quando a comunidade foi fundada e desenvolvida. Um espaço onde os gregos imigrantes poderiam se ver como gregos, mesmo estando no Brasil; onde o idioma seria preservado, a culinária e a cultura de um modo geral – a identidade nacional estaria preservada. Sobre a identidade nacional, Bauman (2005):

A “identidade nacional” foi desde o início, e continuou sendo por muito tempo, uma noção *agonística* e um grito de guerra. Uma comunidade nacional coesa sobrepondo-se ao agregado de indivíduos do Estado estava destinada a permanecer não só perpetuamente incompleta, mas eternamente precária – um *projeto* a exigir uma

vigilância contínua, um esforço gigantesco e o emprego de boa dose de força a fim de assegurar que exigência fosse ouvida e obedecida (...).

A afirmação de Bauman mostra que a identidade nacional foi construída pelo Estado, porém por se tratar de pessoas fora do Estado grego, a identidade nacional passou por uma intensificação natural onde os imigrantes tinham uns aos outros de forma coesa e fechada. A comunidade naturalmente maximizará o sentimento de pertencimento àquela cultura (grega) fazendo com que ocorra estranhamento perante a cultura do atual país ou região – portanto, uma comunidade unificada dentro de uma cultura nacional é sinônimo de poder (Hall, 2019). Dentro dessa ideia, reafirma-se assim a importância da coletividade grega, uma vez que essa ideia de identidade é preservada e ressignificada dentro do novo ambiente onde a comunidade se encontra. Isso faz com que memórias culturais possuam um significado maior e mais específico (comparando com a origem de tal cultura), e dentro dessa ideia a “identidade nacional” sofre uma transformação onde a identidade original passa a experienciar interferências externas do lugar onde a comunidade está inserida e da globalização – logo, àquela sociedade grega uma vez preservada em Porto Alegre ou em São Paulo, vivencia o movimento do *Melting pot*<sup>8</sup>; onde a cultura helênica passa a ser menos homogênea e transforma-se em uma cultura heterogênea.

Ainda falando sobre a Sociedade Helênica de Porto Alegre, pode-se observar o empenho em manter a comunidade ativa com a realização de eventos culturais em parceria com órgãos do governo ou prefeitura de Porto Alegre no intuito de promover a cultura grega e de diversos outros países que possuem organizações culturais/sociais; as fotos a seguir são de comidas típicas gregas feitas pela comunidade com a intenção de arrecadar fundos para a instituição para a manutenção do espaço físico da coletividade.

---

<sup>8</sup> “Caldeirão de Culturas” - Metáfora para uma sociedade tida como heterogênea, quando os elementos da sociedade “derretem” juntos e a partir disso cria-se uma nova cultura ou raça dentro da sociedade. É também considerada como uma assimilação cultural, onde um grupo social adquire características de outros grupos sociais; isso é extremamente presente na realidade do imigrante – especialmente dos gregos, onde estes foram extremamente influenciados pelo Império Otomano no decorrer dos anos, isso possibilitou um mix de culturas e identidades que podem ser assimiladas através do *melting pot* e da assimilação cultural/social.



Imagen 10: Baklava<sup>9</sup>. Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagen 11: Spanakópita<sup>10</sup>. Fonte: Arquivo pessoal.

---

<sup>9</sup> Uma sobremesa típica de países que foram dominados pelo Império Otomano; o doce consiste em um “pastel” de massas finas folhadas com uma pasta de nozes trituradas e banhadas a mel. Originalmente a receita seria turca, porém devido a grande influência sobre a Grécia o doce se tornou popular no país.

<sup>10</sup> Sapanakópita é também considerado um “pastel” de massa fina, a massa folhada com recheio de espinafre, azeite, queijo feta, entre outras variações e depois assado no forno – culinária típica grega.



Imagen 12: Kourabiedes<sup>11</sup>. Fonte: Arquivo pessoal.

A cumplicidade na confecção das comidas típicas gregas mostra a força de vontade que a Sociedade Helênica de Porto Alegre procura desempenhar para manter viva a história da cultura grega; além das reuniões no salão principal, das festas ao estilo tavernas gregas que remetem as noites gregas clássicas dançantes. As aulas de conversação grega ministradas no interior da coletividade refletem o anseio de perpetuar um idioma milenar, assim como os cultos ortodoxos na Igreja (que está presente no terreno físico da coletividade).

O reflexo do esforço dos indivíduos que mantém a Sociedade Helênica de Porto Alegre viva será observado em poucos anos conforme as futuras gerações de descendentes gregos e não gregos façam-se resistência dentro da dinâmica moderna globalizada em que se vive nos dias atuais; é de responsabilidade única e intransferível a manutenção da cultura helênica para aqueles que se propõem a defender a memória e manter viva a identidade dos seus antepassados. A imagem a seguir mostra os protagonistas da Sociedade Helênica de Porto Alegre que buscam manter acesa a memória tradicional da cultura daqueles primeiros imigrantes gregos que chegaram a Porto Alegre – imigrantes que poderiam ser avós, pais, mães, maridos, esposas, etc., pessoas que detinham de um valor simbólico para essas pessoas.

<sup>11</sup> Biscoito amanteigado típico grego de amêndoas; o biscoito era tradicionalmente popular em ocasiões especiais como a Ceia de Natal e Batismos. Existe uma versão semelhante do biscoito na Turquia (a ideia é semelhante), porém o doce grego é diferente em comparação com o turco.



Imagen 13: Fachada da Igreja da Sociedade Helênica de Porto Alegre – ponta esquerda: Mario Sideris. Ponta direita: Georgios Pantopoulos. Fonte: Arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pelo entrevistado.

Visto todas essas reflexões acerca da dinâmica das coletividades helênicas nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, o capítulo a seguir abordará a temática da memória, identidade e preservação da coletividade helênica na cidade de Buenos Aires, Argentina. O capítulo que se segue mantém a linha da compreensão sobre as motivações principais dos gregos de emigrar para Buenos Aires, e como através dos anos foi desenvolvida a identidade do descendente de grego nascido na Argentina; pois, a cidade de Buenos Aires é uma das cidades da América do Sul com maior concentração de imigrantes gregos e descendentes que procuram manter as comunidades ativas e sempre com certa relevância cultural.

## CAPÍTULO 2 – Argentina

### 2.1 – Histórias dos Imigrantes Gregos em Buenos Aires

Acompanhada do Brasil, a Argentina é o país que mais recebeu gregos durante o Século XX. Alguns registros primordiais são identificados no censo do ano de 1869 mostrando que os primeiros membros da coletividade grega na Argentina eram marinheiros, segundo os dados do governo argentino (2010).

A chegada dos imigrantes gregos na cidade de Buenos Aires compreende diferentes razões, porém um mesmo objetivo: a prosperidade. Mas, por quê ‘prosperidade’? Segundo o dicionário Michaelis, “Situação que revela sucesso financeiro”; algo que muitos dos imigrantes europeus almejavam no Século XX, visto que duas grandes guerras mundiais transcorreram pelo continente todo. Além disso, a Grécia viveu tempos sombrios no Século XIX (até a guerra de independência contra o Império Otomano), as duas guerras mundiais e sequencialmente na Guerra Civil Grega.

A biblioteca Virtual Universal de Buenos Aires junto com o governo disponibilizaram alguns dados de alguns registros:

En las boletas manuscritas que conciernen las circunscripciones de la ciudad de Buenos Aires están registrados cuarenta y cuatro griegos, entre los cuales había cuatro mujeres. De las treinta y cinco personas de las cuales tenemos datos sobre su profesión, veintisiete eran marineros, uno era buzo y uno esibidor en el puerto. (...) nombres de los marinos Nicolás Jorge (Kolmaniátis), Miguel Samuel Spiro (Spíru), Jorge Cardássy (Supailís) y Juan Jorge (Georgiú). (2010).<sup>12</sup>

Esse fato curioso de grande parte dos gregos imigrarem para Buenos Aires mostra também a paixão pelo mar, pois os primeiros imigrantes participaram da fundação do bairro portuário, ‘La Boca’. Pelo mar os gregos se expandiram na Grécia e na América não seria diferente. Buenos Aires no final do Século XIX era uma cidade que recebia muitos imigrantes europeus; primeiramente por ser uma cidade próspera que estava em desenvolvimento integrando o mercado mundial como produtor de

---

<sup>12</sup>Nas cédulas manuscritas relativas aos círculos eleitorais da cidade de Buenos Aires, quarenta e quatro gregos são registrados, incluindo quatro mulheres. Das trinta e cinco pessoas das quais temos dados sobre sua profissão, vinte e sete eram marinheiros, um era mergulhador e um era portuário no porto. (...) Nomes dos velejadores Nicolás Jorge (Kolmaniizade), Miguel Samuel Spiro (Espírito), Jorge Cardássy (Supailís) e Juan Jorge (Georgiú).

matérias primas e alimento, que necessitava de uma grande mão de obra especializada (imigrante), pois dos anos trinta a quarenta a Argentina sofreu um processo de industrialização que acompanhou a política de imigração; além de um fato que também influenciou muitos dos imigrantes a escolherem o país era o clima ameno argentino.

Os gregos se destacaram em outras regiões dentro da Argentina, como em Rosário e Bahía Blanca (Rosário fica a duzentos e noventa e sete quilómetros de Buenos Aires e Bahía Blanca é uma cidade portuária). Os imigrantes gregos se mantinham realizando atividades comerciais, com bares, restaurantes e pequenas lojas; isso era comum em São Paulo, em Santiago e com Buenos Aires não seria diferente.

## 2.2 – Coletividade e preservação da memória do imigrante

Buenos Aires é uma cidade extremamente diversificada, encontra-se uma arquitetura extramente europeia clássica do século XIX, ao mesmo tempo construções coloniais espanholas e também uma arquitetura clássica grega com colunas dóricas, jônicas e coríntias. Definitivamente é uma cidade histórica. Nesse segundo tópico pode-se identificar como a coletividade helênica sobrevive num mundo moderno onde as memórias dos imigrantes desaparecem muito por conta dos filhos ou netos que por variados motivos acabam não preservando aquilo que deveria ter uma importância significativa, visto as experiências vivenciadas pelos gregos que abandonaram suas casas para habitar em outro país com outra cultura e sem perspectiva de vida.

Existem quatro coletividades gregas em Buenos Aires, *Asociación Colectividad Helénica Sócrates* – Fundação em vinte e quatro de setembro de 1933 (localizada no bairro Remedios de Escalada, Rua Azopardo 150), *Asociación Cultural Helénica de Socorros Mutuos* – Fundação em três de novembro de 1918 – com o objetivo de prestar serviço e assistência aos membros das coletividades helênicas (localizada no bairro Caballito, Av. Raúl Scalabrini Ortiz, 1339), *Colectividad Griega de Berisso* – Fundação em 1910 (localizada na rua 8 nº4202 entre 164 e 165 Ensenada Berisso) e por último, o *Instituto Incorporado Colectividad Helénica*, Rua Julian Álvarez, 1030 – Buenos Aires, onde foi possível dialogar com alguns membros da coletividade sobre a influência grega

na cultura dos argentinos, assim como conhecer as histórias dos seus associados e como seus antepassados desenvolveram-se dentro da cidade de Buenos Aires.

O *Instituto Incorporado Colectividad Helénica* foi fundado em 1928 e é composto por gregos, descendentes de gregos e não gregos; além de coletividade grega é também o único colégio grego da cidade de Buenos Aires. A primeira pessoa a contar a sua história de vida foi a Laura Papayannis, nascida em Buenos Aires, filha de mãe grega, que chegou a Buenos Aires com quatro anos de idade; seu pai é argentino, e isso mostra que desde cedo o conflito de identidade social/cultural manifesta-se, visto que, segundo Laura: “Quando eu era adolescente existia uma imposição de vir toda semana para a Coletividade e, com catorze anos era impensável, ficava de cara fechada e sem vontade nenhuma de participar. Porém, a gente cresce, tem filhos e entende a importância da cultura e como devemos mantê-la viva”. O pai e a mãe de Laura se conheceram dentro da coletividade (mesmo o pai sendo argentino) e se casaram na Igreja dentro da coletividade; assim como Laura e seu marido que também se casaram na mesma Igreja. Laura é diretora do colégio grego localizado dentro do *Instituto Incorporado Colectividad Helénica* (onde ela e seus filhos estudaram).



Imagen 14: Laura Papayannis. Fonte: Arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pela entrevistada.

O colégio começou a funcionar em 1983 como um instituto apenas para as famílias gregas dos imigrantes, onde se transmitia o idioma e as danças com professores que vinham da Grécia. De manhã eram cumpridas as regras de Buenos Aires e de tarde as regras gregas. Porém, conforme foi passando o tempo, a coletividade reparou que não seria possível manter as aulas em grego e somente em grego; a Laura falou uma frase

muito importante que reflete a realidade do que é manter viva uma cultura: “Cultura não é passada somente pelo idioma”. Laura acreditava que a cultura grega só seria mantida se o idioma fosse praticado; o pensamento dela não está totalmente errado, porém a realidade é que existem diversas formas de se manter uma cultura viva. Vale lembrar que nós seres humanos que desenvolvemos, criamos e preservamos as nossas próprias culturas. Dentro de uma coletividade de um país o objetivo é reunir aqueles que estão longe do seu país de origem e fazer com que a cultura seja sempre preservada e disseminada para os seus descendentes.



Imagen 15: Hall principal do segundo andar do colégio. Fonte: arquivo pessoal.



Imagen 16: Corredor do colégio grego. Fonte: arquivo pessoal.

Pode-se perceber a influência da cultura grega dentro do colégio com a realização de atividades pertencentes aos costumes gregos, isso reflete os antepassados fundadores da coletividade helênica, assim como os fundadores do colégio; gregos disseminando a cultura que se tornou berço do Ocidente. Essa reflexão possibilitou com que a coletividade passasse a realizar trabalhos em castellano com os alunos do colégio. Pode-se entender todo esse processo da história da coletividade levando em conta como os gregos imigrantes se identificavam como comunidade, pois os primeiros imigrantes chegam com a ideia de concretizar uma nova Grécia dentro de Buenos Aires, justamente mantendo a cultura grega, a religião grega e a organização grega cultural, visto o exemplo acima do colégio (para gregos), as tradições do país de origem que foram mantidas num primeiro momento, e assim com o tempo foi se moldando em uma nova cultura Greco-argentina. (Hall, 1996)<sup>13</sup>. Observa-se tal fato em ambas as capitais (Santiago e Buenos Aires), onde as comunidades são mais fortes (comparadas a de São Paulo), visando à preservação da cultura grega, fazendo com que a memória dos imigrantes gregos seja mantida assim como as tradições atemporais culturais que mesmo com dificuldades abriram espaço para a cultura que se formou na argentina.

Hoje em dia o colégio é aberto a qualquer nacionalidade, porém foi observado que muitas das coisas que são lecionadas remetem a Grécia; como por exemplo, músicas em grego (para familiarizar com o idioma), danças gregas, aula de mitologia

<sup>13</sup> HALL, Stuart. "Cultural Identity and Diaspora. 1996.

grega e na parte da tarde aula do idioma grego – tudo isso oferecido para alunos e alunas de três aos doze anos (idade limite do colégio). Para Laura, os alunos se relacionam muito bem com o aprendizado do idioma, sabem ler, entendem e tem um pouco de dificuldade para falar, visto que muitos deles só praticam o grego dentro do colégio. O colégio é trilíngue, com aulas de espanhol, grego e inglês. Por ter aulas à tarde o colégio oferece almoço que muitas vezes as próprias crianças escolhem, com cardápios variados de comidas tradicionais gregas e comidas do dia a dia argentino. A citação a seguir exemplifica o quanto é difícil manter uma cultura tradicional, pouco popular e ao mesmo tempo pode-se entender como os gregos fora da Grécia se identificam:

La característica común a los griegos de la diáspora es que todos asumen su condición de tales. Otros autores que han investigado la inmigración griega a otros países han arribado a la misma conclusión: las segundas y terceras generaciones de griegos nacidos en otros países, sin tener nada que los identifique: no hablan griego, no van a la iglesia y lo único notoriamente griego es su apellido, sin embargo, se reconocen como griegos. (HIRSCHON, 1999, apud CERVETTO, Carina; CONTINO, Roxana e SUAREZ, Liliana, 2009)<sup>14</sup>

Isso é comum em todas as descendências, ainda mais em países moldados por imigrantes europeus; Brasil e Argentina possuem muito essa característica de não se identificarem com a descendência na prática (tradições culturais, idioma, etc), porém o que une a todos é o sobrenome; as pessoas observam um sobrenome e o identificam relacionando-o com determinada nacionalidade, e muitas vezes o indivíduo não se identifica socialmente e/ou culturalmente com tal nacionalidade. Mas, falando com relação à Grécia, durante muito tempo o Estado Grego foi relutante em proporcionar a cidadania grega aos nascidos fora da Grécia (muito por conta do “abandono” à pátria grega que é levado muito a sério), e a manteve baseada na descendência masculina (o que não existe mais nos dias de hoje).

---

<sup>14</sup> A característica comum aos gregos da diáspora é que todos eles assumem seu status como tal. Outros autores que investigaram a imigração grega para outros países chegaram à mesma conclusão: a segunda e a terceira geração de gregos nascidos em outros países, sem ter nada que os identifique não falam grego, não vão à igreja e o que os identifica como gregos é o seu sobrenome, no entanto, eles são reconhecidos como gregos.



Imagen17: Vista do salão principal dentro do *Instituto IncorporadoColectividad Helénica* (colégio grego). Fonte: arquivo pessoal

Buenos Aires é extremamente conhecida pelo Tango (estilo musical e de dança a par) que é uma dança tradicional da Argentina e, dentro da cultura grega a dança dispõe de uma notória relevância; vinda da Grécia com diferentes estilos de dança, a cultura grega tem uma forte influência no mundo da dança.

No *Instituto IncorporadoColectividad Helénica* existem aulas de danças como foi salientado a pouco, o professor titular se chama Mario Koutsovitis que foi aluno do professor Mario Sideris (presidente da coletividade helênica de Porto Alegre). Mario Koutsovitis oferece as aulas dentro do próprio *Instituto IncorporadoColectividad Helénica*, com aulas as segundas-feiras em dois horários: 18h – 19h (iniciantes) e as 19h – 21h (intermediários e avançados); as terças-feiras: 18h – 19:30h (intermediários e avançados); as quartas-feiras: 19:30h – 21h (iniciantes e intermediários); as quintas-feiras: 19:30h – 21h; e, por fim, as sextas-feiras: 16:30h – 18h (novo grupo de iniciantes), 19:30h – 21h (Ballet Juvenil) e 21h – 23h o Ballet de La Colectividad Helénica.

Além do *Instituto IncorporadoColectividad Helénica* Mario Koutsovitis também dá aulas nas outras coletividades gregas de Buenos Aires; a dança em si é extremamente

forte e relevante na cidade quando comparada as coletividades gregas em São Paulo e em Santiago. Visto que além das aulas de danças oferecidas a noite, as crianças que estudam no colégio grego tem acesso às aulas de danças.

## 2.1 – A identidade do imigrante e descendente grego

Quando se fala de identidade, a alteridade tem grande parte na compreensão do que significa “possuir uma identidade”; a alteridade é justamente o que se opõe à identidade, enxergando o outro como um ser distinto, diferente. Como foi salientado por Stuart Hall (1997) “Esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que esta sendo transformada.”. Isso reforça a ideia que o próprio Hall usa em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” citando Kobena Mercer, onde este mostra que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (1990, p.43).

No contexto dos imigrantes gregos e seus descendentes, pode-se fazer um paralelo compreendendo o significado da identidade cultural desenvolvida dentro das coletividades e ao mesmo tempo o quanto essa identidade se mantém forte, pois Zygmunt Bauman em seu livro “Identidade” comenta a relação de difícil escolha de executar o hino polonês (seu país de origem) ou o hino da Grã-Bretanha (país que o acolheu quando o mesmo foi proibido de lecionar na Polônia e anos depois Bauman se naturaliza inglês). O caso dos imigrantes gregos mostra como a identidade cultural se modifica ao longo dos anos e dentro desse panorama podem-se assimilar as histórias de vida recolhidas dos descendentes gregos que nos proporciona um entendimento do que é o “exterior” e “interior” – entre o mundo pessoal e o mundo público (Hall).

O sujeito que migra não será mais composto de apenas uma identidade sólida, e sim de uma identidade remodelada, composta de várias identidades que formam um novo indivíduo (Hall), e isso possibilita também a compreensão das comunidades desenvolvidas que buscam manter a identidade cultural grega intacta, mesmo fora do país de origem (Grécia).

Mario Koutsovitis, trinta e nove anos de idade, nascido em Buenos Aires e descendente de gregos; seus quatro avós são gregos; avós paternos são de Esparta e se conheceram na Grécia e juntos resolveram vir para a Argentina, entre os anos de 1948 – 1950 (data da maior e mais importante diáspora grega); pelo lado da mãe, o avô era cozinheiro no porto de Pireus e a avó era da ilha de Samos – se conheceram na Argentina. Seu avô materno foi para os EUA, porém disseram para ele que o país estava recebendo muitos imigrantes gregos, além do que o país estava em ascensão nessa metade do Século XX. A família de Mario escolheu a Argentina porque existia um membro da família já instalado no país, um irmão que já havia imigrado e estava morando em Buenos Aires. Muito semelhante com relação às outras histórias de vida dos imigrantes gregos, onde a maior parte dos que se aventuraram a cruzar o Oceano Atlântico cruzaram por ter conhecimento de algum membro da família, ou algum amigo próximo que já estava no “novo mundo”.

Mario fala castellano como primeira língua e grego como segunda língua; “falamos grego até os dias de hoje em minha casa, com minha mãe e meu pai”. Além do que, fala-se grego na coletividade. Desde pequeno ele frequentou coletividades helênicas, porém a coletividade Sócrates. Quando ficou um pouco mais velho, migrou para o *Instituto Incorporado Colectividad Helénica*. Seu pai nasceu na Grécia, porém veio com os pais (avós do Mario) bem pequenos para a Argentina; foi salientado por ele (Mario) que os gregos casavam-se com gregos e sempre seria assim.

A família de Mario sempre foi do ramo do comércio – quiosques, restaurantes, etc. Segundo Mario, todos os gregos dançam, todos possuem isso dentro do sangue. Mario Sideris foi o primeiro professor de Mario Koutsovitis, o primeiro professor a falar que ele poderia se apresentar nos Ballets Gregos. Essa vivência com a dança grega fez com que Mario K. dançasse sempre nas tavernas gregas, porém essas tavernas foram perdendo espaço dentro da cidade de Buenos Aires, o que fez com que as danças ficassem restritas às coletividades. As sociedades modernas estão sempre em uma mudança constante; assim como definiram Marx e Engels sobre a modernidade:

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-

formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar...<sup>15</sup>

Depois do 2º grau Mario começou a trabalhar no *Instituto Incorporado Colectividad Helénica* como professor de dança; com isso, ele adquiriu muitos alunos, mais de sessenta crianças e cem alunos adultos. Quando perguntado sobre a identidade dos imigrantes gregos e a relação com a cidade de Buenos Aires, Mario consegue ver as coletividades gregas em Buenos Aires se dedicando e mantendo a cultura helênica viva com jantares, tavernas, danças, igrejas, etc. Porém ele acredita que isso é cada vez mais difícil por conta dos novos casais que se formam, no sentido de um conflito de culturas; além do que o idioma é o grande divisor de águas, pois: “se a missa fosse inteiramente feita em grego, muitos não conseguiram acompanhar.” Com essa fala, pode-se chegar a duas conclusões primordiais; a primeira conclusão é quando Stuart Hall comenta sobre a crise de identidade e a identidade cultural como um todo, o que provoca um hibridismo cultural, sinalizando que as identidades culturais são extremamente híbridas, ou seja, movidas por mudanças constantes. Os descendentes que procuram manter a identificação que está sempre passível de mudança e transformação. E a segunda conclusão é a identificação do grego apenas pelo sobrenome, o que foi salientado pelas autoras no artigo ‘Inmigración griega em Argentina’. Segundo Mario o que sustenta a cultura grega dentro de Buenos Aires é a dança grega, os ballets gregos.

Mario tem uma propriedade em Córdoba que era do avô materno (o cozinheiro), essa propriedade ficou fechada por trinta anos; Mario resolveu trabalhar na propriedade e fez com que um restaurante fosse aberto, com uma série de materiais antigos do avô que foram modernizados; ele inaugurou o Posta del Griego, restaurante com comida típica grega e danças gregas.

---

<sup>15</sup> Marx e Engels. “O Manifesto do Partido Comunista”, 1988.



Imagen 18: Mario Koutsovitis. Fonte: arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pelo entrevistado.

Falando novamente sobre o *Instituto Incorporado Colectividad Helénica* mais como coletividade e não apenas como colégio grego; a coletividade funciona como qualquer outra coletividade de outras nações; o funcionamento depende da própria comunidade grega, ou seja, eles que fazem a manutenção do espaço, assim como repartem o dinheiro arrecadado com festas, tavernas, ações, etc. Pois as atividades presenciadas dentro da coletividade são feitas por eles e para eles. Portanto, pode-se pensar que existam posições administrativas que proporcionam o funcionamento da coletividade como uma empresa. Certamente existem essas posições e dentro delas houve a possibilidade de falar com o vice-presidente Alejandro Constantino Stratiotis.

Filho de Christos Stratiotis e Eva Tasoglou; ambos argentinos com pai e mãe gregos. A família do pai vem de Cefalônia (ilha grega) e de Constantinopla a família da mãe; o avô de Alejandro foi um dos fundadores da coletividade em Buenos Aires. Seus avós foram muito importantes para a história da coletividade grega. A maior parte de sua família veio fugida da Primeira Guerra Mundial ou da Revolução Turca e foram para a Argentina; sendo assim, fundaram em parceria com outros gregos o *Instituto Incorporado Colectividad Helénica* - “vieram sem nada e fundaram essa instituição magnífica”, disse Alejandro. Stratiotis (família do pai) eram marinheiros e se instalaram no bairro La Boca; ele foi um dos primeiros gregos marinheiros que atendeu um dos primeiros barcos do Onassis (magnata grego muito conhecido no ramo de barcos). Assim como a família do pai de Alejandro apresentou contato com a família de Onassis,

os Tasoglou também presenciaram uma relação, pois compraram uma fábrica de cigarros de Onassis também.

Alejandro se casou, mas vinha pouco a comunidade; diferente da mãe de Alejandro que mantinha uma relação bem ativa dentro da coletividade. No ano de 1998 Alejandro começou a participar firmemente dentro da coletividade, quando sua primeira filha começou a frequentar o colégio. Desde esse momento Alejandro é um frequentador assíduo da coletividade e ocupou diversos cargos, inclusive o de presidente nos últimos anos. Hoje ele atua como vice-presidente. Alejandro fala com muito orgulho de continuar o trabalho estabelecido pelos avós, podendo trabalhar em nome dos parentes e da comunidade helênicas.

A família de Alejandro sempre apresentou os costumes gregos e as características de qualquer família de descendentes gregos; brindavam em grego, falavam grego, cozinhavam comidas típicas, porém não frequentavam a coletividade que os próprios avós fundaram. O que é extremamente curioso visto a relação extremamente próxima dos avós com a coletividade; porém, isso durou somente até o momento de uma viagem extremamente marcante para a Grécia em 1990 (sua primeira viagem). Alejandro viajou com seu primo com o patrocínio do governo grego que incentivava os filhos-helenos que estavam espalhados pelo mundo a visitarem a Grécia, especificamente Atenas. Segundo Alejandro, essa viagem o marcou muito, em todos os sentidos; ele acredita que foi a partir dessa experiência que o amor dele pela Grécia aflorou, pois os jovens que eram levados nessa época para conhecer o país e estudar a sua história.

Quando questionado com relação à expectativa do futuro da coletividade helênicas, Alejandro se mostrou bem esperançoso; “temos mais ou menos setenta, oitenta jovens que vão dos doze aos vinte oito anos e que levam adiante as tradições e o entendimento da importância da cultura, honrando os nossos avós que vieram para Buenos Aires e fundaram a coletividade.” O objetivo de Alejandro é continuar transmitindo a cultura grega não somente aos seus filhos (filhos dos descendentes), mas transmitir num contexto geral, e com isso, criar uma nova geração de filhos-helenos argentinos; onde as crianças e adolescentes argentinos também possam participar ativamente, pois segundo Alejandro: “muitas das crianças que não tem descendência

grega que dançam as danças gregas, dançam melhor que os descendentes de gregos, ou falam grego melhor que os descendentes gregos”.



Imagen 19: Alejandro Statriotis. Fonte: arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pelo entrevistado.

Filosofia que o colégio do *Instituto Incorporado Colectividad Helénica* vem fazendo aos poucos, colocando os argentinos e os descendentes gregos lado a lado nesta nova configuração de coletividade grega e nova geração de filhos-helenos argentinos; o que se pode compreender é que a cultura grega em Buenos Aires passou a ser disseminada e abraçada pelos próprios argentinos quando colocam seus filhos dentro do colégio grego, com o intuito de colocá-los em uma imersão cultural que possibilite um hibridismo cultural por parte dos gregos e dos argentinos.

Portanto, o depoimento de Alejandro apresenta uma imensa importância quando salientado sobre a coletividade helênica; não apenas por ele ser o vice-presidente da coletividade, mas por ele dispor de uma visão positiva onde fronteiras sociais entre gregos e não gregos são/serão quebradas, pois a preservação da memória de um determinado povo é vista com a intenção de definir e reforçar o sentimento de pertencimento a alguma coisa, e com isso cria-se diferentes métodos para tal, como por exemplo, as próprias coletividades, o colégio grego, as aulas de dança, a cultura grega transcendendo os anos e as fronteiras. (Pollak, 1989.)

Salientou-se apenas de descendentes de gregos, porém tornou-se possível conversar com um senhor de idade que foi chamado por Laura Papayannis de: “Nossa relíquia da coletividade grega”.

O senhor Eustaquio Manoulitsis, oitenta e três anos, nasceu em Lefkada (ilha grega) e chegou à Argentina no dia 30/06/1953 – com dezesseis anos. Não sabia nada de outro idioma, especialmente por ser originário de ilha; Eustaquio expressou um ponto extremamente importante no começo da entrevista: “Pode imaginar como foi para mim? Eu tive que nascer de novo aqui”. Ele viveu no interior da Argentina (mais ou menos 150 km de Buenos Aires) com seus tios que estavam já adaptados no país há dez anos. Eustaquio trabalhou no campo por cinco anos e ao mesmo tempo aprendendo o idioma (em seis meses ele já estava falando espanhol); depois da vida no interior ele chegou à cidade e estudou Relações Públicas de noite e trabalhava durante o dia. Aos vinte e seis anos se casou com uma moça argentina.

Eustaquio conseguiu um bom trabalho em uma empresa grande em Buenos Aires, mesmo sendo um imigrante grego recém-chegado; ele trabalhou duro para conseguir entrar e se manter por nove anos na mesma empresa e a partir daí a sua vida mudou quando ele decidiu libertar-se com relação ao seu trabalho, no sentido de não depender de alguém para ser seu chefe. Assim junto com sua esposa abriram uma empresa de confecção de roupas; chegou a ter dezesseis funcionários, e como Eustaquio disse: “Não fazia a menor ideia de onde eu estava me metendo, tive muitos problemas, aprendizagem, mas conquistei o que mais almejava, a minha independência.”.

Eustaquio deixou a Grécia logo após a Segunda Guerra Mundial; ele vivenciou o período da guerra bem de perto, pois como ele mesmo disse: “Tive que caminhar por cima de corpos...sem vida e descalço; não estávamos mal em casa, tínhamos tudo, porém meu pai havia falecido e minha mãe teve que cuidar de cinco filhos.”. No momento em que Eustaquio comentou sobre essas as memórias houve um silêncio profundo, pessoal e único, onde o mesmo comentou “me recordo agora...” essas memórias são silenciosas, mas o entrevistado colocou-as em uma condição onde se pode compreender o verdadeiro horror da guerra e as verdadeiras crises que ele e a família enfrentaram; o que poderia ter ocorrido são os “não ditos”, memórias que não tomam forma, pois o entrevistado se lembra, mas não comenta sobre; diferentemente da consciência reprimida, como memórias de guerras, onde o indivíduo lembra-se dos

acontecimentos, mas força-se a esquecer. (Pollak, 1989). Vieram com Eustaquio duas irmãs mais velhas; o outro irmão dele mora na mesma casa em Lefkada.

Quando perguntado o por que de escolherem a Argentina como a nova casa, Eustaquio salientou:

“Prometiam-nos que era um país em desenvolvimento que nos daria frutos futuramente; outras pessoas tiveram mais sorte, foram para a Austrália, Canadá, Estados Unidos... Porém, acredito que cada pessoa busca o que é melhor para si, não posso reclamar e nunca vou reclamar do país que me acolheu todos esses anos e me deu tudo o que tenho hoje. Tenho duas filhas, uma é professora de inglês e a outra é química, tenho também dois netos, o primeiro é professor de inglês também e a outra é advogada que mora na Espanha desde 2003.”

Eustaquio falou com muito orgulho da família e de tudo o que haviam conquistado em todos esses anos de história; todos os anos eles vão à Grécia, desde 1974, sem pular nenhum ano e sempre passam na Espanha para visitar a família da sua neta. Eustaquio tem dupla nacionalidade, grega e argentina; ele ainda comentou: “Quando vamos à Grécia saio com meu passaporte grego, quando voltamos para a Argentina uso meu passaporte argentino.”. É curioso e ao mesmo tempo autoexplicativo o amor que ele demonstra com relação à Argentina, o quanto ele é bem nacionalista defendendo o país que lhe deu tudo; mas, ao mesmo tempo a memória da Grécia que é reproduzida dentro da coletividade grega, e também suas viagens à Grécia fazem com que a relação dele com o país de origem nunca acabe sempre tomando novas formas.

Podem-se analisar essas entrevistas relacionando com alguns pontos específicos que possibilita fazer um paralelo característico com relação à compreensão de como foram e como são os processos migratórios; os imigrantes gregos que imigraram para a Argentina não necessariamente estariam inseridos em grupos étnicos ou redes sociais, uma vez em que tudo isso foi desenvolvido no novo país. Pois os imigrantes no processo imigratório deixam de ser um indivíduo para se tornarem um corpo, uma estrutura social que vai influenciar de forma direta os novos caminhos a serem traçados, assim como a nova configuração socioeconômica. (Portes, 1995).



Imagen 20: Eustaquio Manoulitsis. Fonte: arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pelo entrevistado.

É válido observar que todas as histórias de vida mostram que as decisões de imigração dos indivíduos não são tomadas individualmente e sim por um coletivo de ações e de pessoas; o imigrante grego que chegou a Buenos Aires ou em qualquer outra localização dentro do território argentino veio com um objetivo de estabelecer novos vínculos com a nova comunidade que estaria sendo pré-estabelecida, ou seja, de todos os casos exemplificados aqui, nenhum mostra que algum imigrante grego resolveu sair do país por vontade própria, sozinho, sem um objetivo traçado e sem uma esperança de um novo recomeço. As pessoas se deslocam coletivamente, se apoiando nas suas redes sociais (previamente estabelecidas) tendo como objetivo adentrar um novo território para ali poder se reestabelecer como um novo indivíduo social. Como define Hall (1987):

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Como o senhor Eustaquio comentou, a proposta era de novos horizontes, prosperidade e crescimento econômico, ou seja, uma ruptura da estrutura tradicional do trabalho (SASSEN, 1988). Um país que recebeu muitos imigrantes como a Argentina, Brasil e Chile aqui na América do Sul, passa por transformações socioeconômicas que possibilitam uma nova estrutura trabalhista. Os imigrantes foram extremamente fundamentais na nova configuração econômica no começo do século XX e na segunda

metade do mesmo. Ainda falando sobre o senhor Eustáquio, a família veio com um objetivo já traçado, como ele mesmo salientou na entrevista: “Vim para a Argentina para ficar com meus tios que já haviam se instalado há dez anos”. Como salientou Tilly (1990) essas redes sociais do imigrante migram junto com ele, pois os imigrantes conservam os laços afetivos; amizades, familiares, do trabalho, etc. E o que chama a atenção é que muitas das vezes os entrevistados não sabem explicar o porquê da escolha da Argentina (o argumento de que era um país em desenvolvimento é válido, mas ao mesmo tempo Brasil, Argentina e Chile estavam em desenvolvimento acelerado no século XX), e com isso pode-se concluir que o motivo era o que foi falado acima, sobre os laços; os imigrantes não pensavam a respeito da localidade especificamente falando, portanto variadas localidades não foram pensadas como um possível destino, pois os locais pensados eram onde se possuía laços afetivos de qualquer âmbito possível.

O que se pode constatar, (Cohen, 1997) é que são comuns as características dentro das diásporas de um modo geral;

Dispersal from an original homeland, often traumatically; (2) alternatively, the expansion from a homeland in search of work, in pursuit of trade or to further colonial ambitions; (3) a collective memory and myth about the homeland; (4) an idealization of the supposed ancestral home; (5) a return movement; (6) a strong ethnic group consciousness sustained over a long time; (7) a troubled relationship with host societies; (8) a sense of solidarity with co-ethnic members in other countries; and (9) the possibility of a distinctive creative, enriching life in tolerant host countries<sup>16</sup>

Isso nos permite compreender os porquês das criações das redes sociais e associações em prol da defesa do imigrante; pois como foi salientado, Alejandro frequentava pouco a coletividade helênica, isso fazia com que a ideia de Grécia, minha “terra natal”, pátria fosse colocada de lado. A transformação acontece quando existe a possibilidade de ir à Grécia e conhecer o país, desmistificando a ideia de algo distante inalcançável.

---

<sup>16</sup> Cohen, 1997, p. 180. “Dispersão de uma pátria original, geralmente traumática; (2) alternativamente, a expansão de uma pátria em busca de trabalho, em busca de comércio ou para outras ambições coloniais; (3) uma memória coletiva e mítica sobre a pátria; (4) uma idealização do suposto lar ancestral; (5) um movimento de retorno; (6) uma forte consciência de grupo étnico sustentada por um longo tempo; (7) um relacionamento conturbado com sociedades de acolhimento; (8) um senso de solidariedade com membros da etnia em outros países; e (9) a possibilidade de uma vida criativa e enriquecedora distinta em países anfitriões tolerantes”.



Imagen 21: porta do segundo ano – Fundamental I. Fonte: arquivo pessoal

O colégio grego é um exemplo muito claro de redes sociais desenvolvidas em Buenos Aires pelos próprios imigrantes gregos; assim como a coletividade helênica. Porém, pode-se perceber que os imigrantes que chegaram à Argentina e que fundaram a coletividade helênica possuíam as suas respectivas redes sociais coletivas, como foi salientado há pouco; porém, dentro da cidade de Buenos Aires foi possível desenvolver melhor essas redes sociais fazendo com que essas pequenas redes se unissem em uma só e assim, futuramente, recebessem novos imigrantes e acolhessem os descendentes, com a proposta de serem criados dentro da cultura helênica.

O que nos leva a pensar que essas associações buscavam inserir o indivíduo (imigrante) na sociedade atual, para que o mesmo exercesse a sua cidadania; porém, ao mesmo tempo faria com que o indivíduo não perdesse a sua cultura ‘mãe’, suas raízes gregas.

Ao mesmo tempo em que se fala sobre as associações e redes sociais com o intuito de fazer a inserção do imigrante ao país, pode-se pensar a respeito do papel das mulheres gregas no processo imigratório e como isso afeta a família nuclear que está inserida em uma sociedade culturalmente diferente; os homens deixavam suas casas em

busca de trabalho e as mulheres (na maioria dos casos) cuidavam das casas e dos filhos. Como salienta Tsolidis (2003):

In turn it is women who undertake great responsibility for family. The argument being made is that women's work in this context has both conservative and progressive possibilities. The progressive potential is linked to rearticulating this work as a transnational and collective experience which creates new forms of Greekness.<sup>17</sup>

A base do ‘ser grego’ está nas casas dos novos imigrantes gregos dentro da Argentina, Brasil ou Chile. A mãe no contexto imigratório tem a missão de transmitir à cultura helênica para o seu filho (a) para que o mesmo (a) faça com a próxima geração. A coletividade helênica de Buenos Aires mostrou como isso tem um peso importante, pois Laura (diretora do colégio) é casada com um argentino que não possui raízes helênicas, mas que dentro de sua casa a cultura grega é preservada; muito por conta da posição que a mãe tem dentro da casa e claro, por ela ser diretora do colégio.

Portanto, se pode comentar ainda sobre a identidade de uma maneira específica onde o Bauman (2005) a define como algo não natural, “a ideia de “identidade”, e particularmente “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” autoevidente”. E isso pôde ser notado quando relacionamos às entrevistas e o comportamento da coletividade helênica, onde o sentimento de identidade foi desenvolvido como uma nova construção emergente. Ainda assim, recorro novamente a Tsolidis (2003), quando a autora salienta que suas entrevistadas (gregas e descendentes de gregas) não conseguiam identificarem-se gregas e somente gregas.

Maria: If somebody asked me, what are you, I'd say Greek-American. I won't say Greek because I don't feel I'm totally Greek. And I don't say American because I don't feel I'm really American-American, you know, and I say Greek-American, and the reaction is, this what irritates me, people say, no, you're Greek. Why am I Greek? I am Greek. My background is Greek but my country is America. I love America. This is my country, I was brought up there. You know, I cam here (Greece) twenty-two years old... I think what plays a major role, is where you grew up, I don't know.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Tsolidis, 2003. Página 146. “Por sua vez, são as mulheres que assumem grande responsabilidade pela família. O argumento apresentado é que o trabalho das mulheres nesse contexto tem possibilidades conservadoras e progressivas. O potencial progressivo está ligado à rearticulação deste trabalho como uma experiência transnacional e coletiva que cria novas formas de ‘ser grego’”.

<sup>18</sup> Maria: Se alguém me perguntasse, o que você é, eu diria greca-americana. Não falo grega porque não me sinto totalmente grega. E eu não digo americana, porque não me sinto realmente americana, sabe, e

O exemplo de Maria, que Tsolidis cita, nos permite observar a dificuldade da entrevistada de se identificar como um ser nacional natural; visto ainda que Bauman (2005) mostra que: “a ideia de “identidade” nasceu da crise de pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia”. Isso mostra precisamente o que muitos dos imigrantes e descendentes gregos sentem, no sentido de “devo ser grego” ou “sou argentino” (mas tenho raízes gregas), por isso a ideia de construção de identidade é criada conforme a necessidade do grupo em determinada região, pois as coletividades e as identidades gregas nas diferentes regiões presentes no trabalho diferem entre si; desde o conceito de “ser grego”, até à dinâmica das associações criadas.

Para tanto, observou-se as dinâmicas das coletividades helênicas de dois diferentes países e, consequentemente, três diferentes capitais (São Paulo, Porto Alegre e Buenos Aires); o capítulo a seguir apresentará a temática da memória, identidade e principalmente a preservação da coletividade helênica na cidade de Santiago. O capítulo aborda os principais temas referentes à emigração, porém demonstra como uma coletividade para no tempo se reformulou e voltou a crescer dentro da cidade e, principalmente, retomou o seu espaço como coletividade. Santiago é uma das principais capitais da América Latina e ao mesmo tempo um dos primeiros países a receber certa quantia de emigrantes gregos que ajudaram na formação da cidade de Antofagasta e depois em Santiago.

---

digo grega-americana, e a reação é: isso me irrita, as pessoas dizem que não, você é grega. Por que eu sou grega? Eu sou grega. Minha formação é grega, mas meu país é a América. Eu amo a América. Este é o meu país, eu fui criada lá. Você sabe, eu vim aqui (Grécia) com 22 anos... Eu acho que o que tem um papel importante, é onde você cresceu, eu não sei.

## Capítulo III – Chile

### 3.1 – Histórias dos imigrantes gregos em Santiago

Acompanhando as cidades de Buenos Aires, São Paulo e Porto Alegre, Santiago foi uma das cidades onde os imigrantes gregos se instalaram. As razões da saída dos gregos de seu país natal em direção ao Chile são semelhantes aos dos que se deslocaram para a Argentina e para o Brasil, um movimento uniforme da diáspora grega. Entre os motivos, e a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, o domínio do Império Otomano e, alguns (poucos) aventureiros.

Segundo os dados da *República Helénica – Grecia en Chile*, a emigração dos gregos em direção ao Chile aconteceu entre os anos de 1880 e 1924. Esse período foi um estágio de grandes conflitos na Grécia, mas, não apenas nesses anos, pois a corrente de emigração continuou sendo forte nos anos subsequentes. Portanto, surgiu a primeira comunidade helênica, onde os primeiros registros foram datados da imprensa chilena da época, o ‘El Mercurio’ de Antofagasta (região primordial dos gregos ao norte do Chile); segundo o jornal, entre os anos de 1920 e 1935 existiam cerca de 400 gregos na cidade<sup>19</sup>. Grande parte dos emigrantes gregos se dedicou a trabalhos na agricultura, comércio e mineração (a minoria).

MOTIVO ADUCIDO	Número de personas
<b>1. Deseo de progresar</b>	341
<b>2. Acuerdo tomado por la familia</b>	102
<b>3. Por conocer otros países</b>	6
<b>4. Por causa de las guerras</b>	201
<b>5. Porque habían emigrado otros del lugar</b>	120
<b>6. Porque emigraron familiares antes</b>	291
<b>7. Para contraer matrimonio</b>	21
<b>8. Para no ser reclutado em las FFAA turcas</b>	7
<b>9. Por haberse casado com griego (a)</b>	29
<b>TOTAL CASOS AVERIGUADOS</b>	<b>1118</b>

Tabela 1: *Cuadro 1 – motivaciones para emigrar*. Fonte: “Griegos en Chile” – página 41.

<sup>19</sup> Existe uma história que pode ser encontrada no site da coletividade helênica do Chile que fala sobre o primeiro grego, de fato, que chegou com Pedro de Valdívia no ano de 1540; logo, no ano de 1565 outros gregos chegaram e formaram uma pequena comunidade com cerca de vinte gregos.

A tabela acima extraída do livro “Griegos en Chile” mostra uma pesquisa quantitativa realizada pelos autores Alejandro Zorbas D. e Nikiforos Nicolaides mostrando os motivos principais dos gregos que escolheram emigrar para o Chile; logo se pode perceber que grande parte dos emigrantes dispunha do anseio de progredir (financeiramente e socialmente) visto que a Grécia passou por períodos tenebrosos em seus pós-guerras. Outro motivo que se pode perceber e logo identificar como primordial é por apresentarem familiares que já haviam emigrado antes; pode-se lembrar da história do senhor Eustaquio na Argentina que foi em busca de seus tios. Assim como as motivações para a emigração o livro traz uma tabela com a faixa etária dos gregos que chegaram ao Chile no século XX.

<b>Grupos etários</b>	<b>Hombres</b>	<b>%</b>	<b>Mujeres</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
<b>0-15</b>	14	1,4	20	16	34
<b>16-20</b>	137	13,8	12	9,6	149
<b>21-25</b>	256	25,8	25	20	281
<b>26-30</b>	240	24,2	27	21,6	267
<b>31-35</b>	122	12,3	6	4,8	128
<b>36-40</b>	95	9,6	14	11,2	109
<b>41-45</b>	62	6,2	5	4	67
<b>46-50</b>	37	3,7	4	3,2	41
<b>51-55</b>	12	1,2	5	4	17
<b>56-60</b>	9	0,9	4	3,2	13
<b>61-65</b>	3	0,3	1	0,8	4
<b>66+</b>	6	0,6	2	1,6	8
<b>TOTAL</b>	993	100	125	100	1118

Tabela 2: *Cuadro 2 – Inmigrantes griegos según grupos etarios al ingresar en Chile*. Fonte: “Griegos en Chile” – página 45.

Mais uma vez os dados mostram-se característicos, visto a porcentagem de homens e mulheres que emigraram para o Chile e suas respectivas idades. Grande parte dos emigrantes do sexo masculino estava entre vinte e um e vinte e cinco anos de idade; já as emigrantes do sexo feminino estavam entre os vinte e seis e trinta anos. Ou seja, idades socialmente produtivas que poderiam facilmente se adaptar a um novo país dentro do contexto da emigração; o que chama a atenção são os indivíduos com uma idade avançada (para a época), principalmente os homens que sofreriam um pouco mais

para se adaptar com relação ao trabalho, mas muitas vezes vinham antes para preparar a chegada da família num futuro próximo.

### **3.2 – A importância da coletividade grega e a identidade dos gregos em Santiago**

No decorrer deste tópico pode-se perceber o papel importante que a coletividade desenvolve como instituição na cidade de Santiago; porém, é preciso compreender como aconteceu a ideia de coletividade helênica e o que isso implicou na sociedade grega-chilena.

O Chile é um país que recebeu muitos emigrantes gregos no final do século XIX e no decorrer do século XX; um país que recebe um grande fluxo de emigrantes tem a tendência de desenvolver um número considerável de coletividades (exemplo de Buenos Aires). Existem seis coletividades helênicas no Chile, divididas em diversas regiões do país. Dentre as principais pode-se citar a *Sociedad Helénica de Antofagasta*, localizada na Rua Antonio José de Sucre 462, Antofagasta, Chile, foi a primeira e é a mais antiga associação criada no Chile. A cidade de Antofagasta abrigou um número relevante de gregos que chegavam ao país na época do fluxo migratório. A chegada dos emigrantes era intensa e a cidade de Antofagasta havia se tornado um polo comercial, administrativo e industrial; com isso, um grupo de gregos com a ajuda do Cônsul Geral Honorário da Grécia em Santiago, Juan D. Saridakis, fundaram em 20 de setembro de 1916 a *Sociedad Helénica de Socorros Mutuos*. (ZORBAS, Alejandro. NICOLAIDES, Nikiforos. 2010). A coletividade de Antofagasta possui aulas de danças gregas e de grego moderno, com o objetivo de preservar a cultura; além das atividades realizadas dentro do espaço físico, a coletividade é ativa nas redes sociais, onde busca disseminar a cultura grega, além de mantê-la preservada.

Outra coletividade importante é a *Colectividad Helénica de Valparaíso*, localizada na Rua J. J. Latorre 57, Recreo, Viña del Mar. Fundada em 8 de maio de 1932 por um pequeno grupo de residentes gregos que ansiavam pela reunião e socialização entre os gregos residentes em Viña del Mar e Valparaíso. A coletividade realizou importantes trabalhos na região, como a fundação de um Mausoléu Helênico; uma escola básica com o nome de “*Escuela Grecia*”, fundada em 1957, que desde essa época dispunha do objetivo de desenvolver atividades que fossem relacionadas à Grécia,

como o ensino do idioma grego, danças típicas e música folclórica grega. O colégio está localizado na Avenida Pedro Montt N°2327, Valparaíso, V Región. Ao mesmo tempo, foi criado em 27 de fevereiro de 1997 o Centro de Estudos Helênicos dentro da Universidade de Playa Ancha de Valparaíso; com o objetivo de estudar mais a fundo a cultura helênica e o idioma grego num geral. A região chamou a atenção pelas atividades e pela presença grega que foi desenvolvida o Consulado Honorário da Grécia em Valparaíso, no ano de 2007. Ou seja, a região possui uma comunidade ativa que vem desenvolvendo desde o ano de 1932 atividades que agregam gregos e não gregos com o intuito de celebrar principalmente a cultura helênica.

Seguindo para a capital Santiago com a coletividade mais ativa do país, assim como a mais popular. A *Colectividad Helénica de Santiago* está localizada na Avenida República, 41, Santiago, Chile e foi fundada primordialmente em 1918 como *Sociedad Helénica de Socorros Mutuos*, porém ela foi convertida a *Colectividad Helénica* em 1945, com cento e catorze sócios em seus primeiros registros; e o número de gregos-chilenos e gregos que emigraram para a capital Santiago cresceu visto duas problemáticas: a Segunda Guerra Mundial que trouxe uma grande população grega para a América do Sul, onde os gregos foram se distribuindo de acordo com o que mais os chamava a atenção (a família que já estava instalada em alguma região específica, ou o clima de determinada região, ou as oportunidades financeiras de cada metrópole). O segundo problema eram os gregos e descendentes de gregos das comunidades do norte (Antofagasta, por exemplo) que buscavam por uma melhor condição de vida, assim como melhores oportunidades na capital. (ZORBAS, Alejandro. NICOLAIDES, Nikiforos. 2010).

A *Colectividad Helénica de Santiago* é presidida (desde 10/09/2017) pela María Teresa Marinakis, trinta e nove anos, nascida em Santiago, com pai filho de gregos e espanhóis, e a mãe chilena. A família de María possui uma tradição dentro da coletividade helênica em Santiago, pois seu avô (grego e pai de seu pai) foi o presidente da coletividade por trinta anos; assim como importância para o Chile, pois foi presidente da federação da frota terrestre de toda a cidade de Santiago.

Quando se pensa em gerações, María é a terceira geração que procura manter a cultura e a identidade grega (dentro e fora da coletividade helênica):

Todos aqui procuramos manter a cultura acesa e a identidade preservada; nós da coletividade nos conhecemos desde pequenos, desde jovens e isso faz com que chegemos à idade adulta e procuremos fazer um bom trabalho que foi passado de pai para filho, de mães para filho, etc.

O que se nota é a preocupação de María como presidente e descendente de gregos, em transformar a coletividade helênica em algo maior do que um “simples casarão para gregos”; o objetivo da presidente é “dar um sentido mais cultural a esta ‘casona’”, como a mesma salientou. Pois, notou-se que a coletividade helênica de Santiago estava perdendo seus membros e familiares dos antigos descendentes gregos, e isso está relacionado com alguns fatores: a perda de sentido da identidade grega, ou seja, se essa reflexão fosse verbalizada, seria algo como “o significado, o sentido de ser grego que o meu descendente percebia na época em que a coletividade foi criada, já não faz mais sentido dentro da minha vida”. Outro fator é o bairro em que a coletividade está localizada ser extremamente universitário e isso implicar no estar presente dentro da coletividade, pois a presidente afirma não querer focar apenas nos gregos e descendentes, já que ela abriu a coletividade aos filo-helênicos para que estes participassem das atividades promovidas dentro da coletividade. A coletividade oferece curso de grego moderno para três níveis de adultos e um nível para as crianças, assim como aulas de danças típicas gregas. As aulas são abertas aos membros da coletividade helênica, aos filo-helenos e ao público em geral. Além das aulas do idioma grego, a coletividade oferece aulas de danças típicas gregas para crianças e adolescentes. Além das aulas, a coletividade dispõe um espaço reservado para a literatura grega; uma pequena biblioteca que traz as histórias da cultura helênica como um todo, desde a Grécia Antiga até a Grécia Moderna, como mostra as imagens abaixo:



Imagen 22: Entrada da biblioteca no ‘casarão’ da coletividade helênica. Fonte: arquivo pessoal.



Imagen 23: Estante da biblioteca da sociedade helênica. Fonte arquivo pessoal.

A presidente tem uma visão distinta sobre a coletividade em geral; a ideia é semelhante à ideia de Mario Sideris de Porto Alegre, onde a coletividade é algo aberto para a divulgação da cultura e não algo fechado para os descendentes e imigrantes. Segundo María Teresa:

Tem-se que nutrir de gente que ama a cultura grega, não somente os descendentes. Essa casa nunca havia sido aberta ao público, e nós abrimos e fizemos um evento na rua, simplesmente para termos alguma atividade e logo se tornou uma festa grega com cerca de duzentas e cinquenta pessoas.

A unidade sólida da identidade grega não existe dentro da lógica da filosofia de governo de María Teresa Marinakis, assim como em relação a Mario Sideris; pois: “Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes(...).”.

(Bauman, 2005). E ainda dentro da ideia de Bauman sobre as identidades, percebe-se: “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e dasseguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”. (Bauman, 2005). Ou seja, aquela ideia da identidade do imigrante na metade do século XX que fundou a coletividade com um propósito único de estar em comunhão com as pessoas da mesma nacionalidade em um país estrangeiro é transformada ao longo dos anos em um local específico de preservação cultural que agrupa pessoas fora do ciclo restrito e específico grego, abrindo oportunidades e ressignificando o sentido da identidade grega; pois, em um único espaço é possível juntar pessoas de diferentes identidades em prol da preservação da memória de uma única cultura específica e milenar.

O exemplo foi a ‘*Bousoukiada*’, uma noite de taverna grega no dia 07 de julho, as 21h00min, no ano de 2018, aberto ao público não grego e grego. O evento consistia em arrecadar fundos para futuros projetos da coletividade, além de promover a cultura nas mais diversas formas. A festa grega foi realizada nas próprias dependências da Coletividade Helénica, na Av. República, 41 – Santiago.



Imagen 24: Placa de boas vindas a *Bousoukiada* no salão da Coletividad Helénica de Santiago. Fonte: arquivo pessoal.

O evento em questão proporcionou aos convidados uma noite típica das tavernas gregas; músicas e danças gregas promovidas pelos próprios membros da coletividade, comida típica feita pelos membros da coletividade nas próprias dependências do edifício da coletividade. Os ingressos eram individuais e custavam dez mil pesos chilenos para quem comprasse no dia, ou no dia anterior; seis mil pesos na pré-venda e para as

crianças, alunos da classe de grego moderno e sócios da coletividade, até o dia 5 de julho; e oito mil pesos para que comprasse na pré-venda, mas que não estava em nenhum dos tópicos mencionados acima, ou seja, os “agregados”. Qualquer pessoa que aderisse ao ingresso tinha direito a um *Gyro*<sup>20</sup> e uma bebida a sua escolha, sendo vinho ou cerveja.



Imagen 25: Ingresso da *Fiesta Griega Bouzoukia*. Fonte: arquivo pessoal.



Imagen 26: Um dos membros da coletividade helênica de Santiago se apresentando na noite da *Bouzoukia*. Fonte: arquivo pessoal.

<sup>20</sup> Lanche rápido grego composto de carne bovina e suína assadas em um forno vertical (churrasquinho grego) servido no pão pita. Os acompanhamentos consistem em cebola, tomate, batatas fritas, *tzatziki* (molho grego de pepino, azeite, alho e iogurte grego). O prato típico grego é semelhante ao *Shawarma* árabe.

A noite foi marcada pela preservação da memória dos gregos emigrantes que fundaram aquela coletividade com a pretensão de reunir em um espaço único os seus irmãos de pátria; dentro da dinâmica atual em que a coletividade se encontra, não apenas os filhos e netos desses mesmos emigrantes estão presentes, como também aqueles que aderiram à cultura helênica com admiração e respeito.



Imagen 27: Grupo de danças gregas tradicionais da coletividade helênica de Santiago. Fonte: arquivo pessoal.



Imagen 28: Quadro de um casal grego com vestimentas típicas que servem de base para a confecção das roupas da coletividade. Fonte: arquivo pessoal

E pode-se perceber que a comunidade grega em Santiago é extremamente viva e ativa, visto que, como já mencionado acima sobre o livro “Griegos en Chile”, lançado

no dia 13 de dezembro de 2010, dos autores Alejandro Zorbas D. e Nikiforos Nicolaides, no Auditório da Universidade das Américas de Santiago, Chile. A obra é de extrema relevância e teve uma ampla repercussão nos meios de imprensa chilenos, onde foi apresentada pela Diretora do Centro de Estudos Helênicos da Universidade de Playa Ancha de Valparaíso, a Professora Doutora Marina González Becker. O evento ainda contou com a presença de representantes de todos os organismos helênicos e de importantes intelectuais do meio universitário do Chile, segundo nota da Sacra Arquidiocese de Buenos Aires.<sup>21</sup> A obra é composta por histórias, memórias, vivências, ocupações do espaço chileno, identidade cultural, entre outros temas; ele retrata os imigrantes gregos que chegaram ao Chile em meados do século XIX até o fim do século XX.

O livro “Griegos en Chile” se originou com a ideia de trazer um ponto de vista histórico social a um quadro menos importante incompleto possivelmente representativo da vida dos gregos que emigraram e se estabeleceram no Chile durante os séculos XIX e XX. Segundo o autor, do total dos imigrantes da primeira geração, o maior número procede de áreas rurais tradicionais e tem-se o conhecimento de que esse meio rural a educação formal não é percebida como um instrumento de mobilidade ocupacional e de ascensão, onde as crianças abandonam cedo a escola e começam a trabalhar nas plantações agrícolas e pastorais de outras famílias e em suas próprias casas, e dentro dessa dinâmica, os filhos desses pequenos trabalhadores migram para a capital chilena, Santiago, em busca de uma melhor condição de vida e novas oportunidades; esse movimento foi percebido e salientado no começo do capítulo na cidade de Antofagasta.

Ainda falando sobre a coletividade e a relevância dela para a manutenção da identidade helênica, pode-se perceber o papel que a mesma vem desenvolvendo dentro e fora da coletividade. E dentro disso, a comunidade helênica vem retomando a posse de um espaço que a mesma vinha perdendo com o decorrer do tempo investindo em variadas áreas fazendo com que a identidade grega esteja em pauta novamente. A presidente María comenta sobre o orgulho que sente de sua família ‘Marinakis’, por terem saído da Grécia, sem destino e em um pequeno barco e, quando chegaram ao Chile, refizeram suas vidas e sempre mantiveram a identidade grega viva; já são mais de vinte e seis descendentes desde a chegada da família ‘Marinakis’ que continuam mantendo a identidade grega ativa e a coletividade funcionando. É importante ressaltar

---

<sup>21</sup> <https://ecclesia.org.br/news/apresentacao-do-livro-gregos-no-chile/>

novamente como a restauração promovida por uma liderança feminina (o que é algo diverso) retomou as esperanças da coletividade e dos sócios e não sócios. María Teresa ainda salienta que: “essa mudança viria de alguém mais jovem, sem a influência dos homens idosos que acreditam controlar a coletividade até os dias de hoje”. A história da presidente é diversa, pois a mesma não fala fluentemente grego, o que dentro da comunidade grega é vista de forma negativa, pois apenas gregos e descendentes de gregos falam o idioma. O que mostra a importância das mulheres gregas (as principais disseminadoras da cultura) dentro do papel social do indivíduo, como Tsolidis (2003) define:

By interviewing Greek-identified women living in Australia and Canada, and some born in these countries now living in Greece, the intention has been to explore the role of the maternal in the production of diasporic identities as irrevocably the product of several interlocking histories and cultures.<sup>22</sup>

Portanto, percebe-se que pelo fato de sua mãe ser de origem espanhola e também ser o modelo que compôs a identificação cultural e social de María, a mesma criou/desenvolveu a paixão e a identificação após o primeiro processo de construção, ou seja, María já se identificava como indivíduo social e cultural de raízes chilenas – ela mora na cidade de Santiago e vive como uma chilena – logo, a paixão e a identidade pessoal desenvolvida com relação à cultura grega são pós-amadurecimento social e cultural. A influência grega que faz parte do ser social de María foi se desenvolvendo depois da sua primeira identidade base, o que movimentou sua nova formação identitária sobre a lente cultural grega, portanto pós-moderna e flutuante, como Stuart Hall definiu.

---

<sup>22</sup> Entrevistando mulheres identificadas como gregas e que vivem na Austrália e no Canadá, e algumas nascidas nesses mesmos países que agora vivem na Grécia, a intenção tem sido explorar o papel maternal na produção de identidades diáspóricas como irrevogavelmente o produto de várias histórias e culturas entrelaçadas.



Imagen 29: María Teresa Marinakis em sua cadeira presidencial. Fonte: arquivo pessoal. Autorizada o uso de imagem pela entrevistada.

Ainda assim, o pai de María (como foi salientado a pouco) foi presidente da coletividade por alguns anos, o que também não serviria de tamanha “influência” para a mesma chegar ao cargo de presidente; em verdade, o amor que María desenvolveu pela cultura grega fez com que a mesma se mobilizasse e desenvolvesse um sentimento de mudança e renovação. Dentro dessa ideia María passou a ocupar a cadeira de presidente da Coletividade Helênica de Santiago.

Para tanto, a partir do que Bauman fala em sua obra “Identidade”, pode-se pensar a ideia de “identidade da subclasse”, que segundo o autor, “é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do “rosto” – esse objeto do dever ético e da preocupação moral”. (Bauman, 2005). Ou seja, é a exclusão do que se pode interpretar como um lugar comunitário, social, onde as identidades seriam definidas, moldadas e aceitas ou não aceitas. A fala de Bauman dentro do conceito de identidade e, especificamente, “identidade de subclasse” faz com que se pense sobre a força de uma identidade bem desenhada e definida, pois como Stuart Hall salienta que o poder de uma identidade nacional e toda a construção que é feita em torno desse assunto, Bauman mostra o paralelo do que seria o oposto da identidade nacional. Salientando a importância e ao mesmo tempo a problemática dessa classificação, visto que ela representa a ausência da identidade, no sentido dela ser negada; e a partir disso a identidade do indivíduo se torna algo irrelevante (especialmente para o espaço social), visto que o mundo globalizado em que os indivíduos se encontram requer, necessariamente uma identidade construída e definida (mesmo que o indivíduo pós-

moderno possua mais de uma identidade, como cita Hall), pois a partir disso o ser humano passa a encontrar o seu espaço social e as pessoas com quem se “pode” relacionar.

Isso faz com que se pense no trabalho de Tsolidis (2003) com relação às mulheres que possuem a dúvida de serem gregas ou não gregas, pois, “Many of these women described metaphorical or actual journeying, when prompted to explain the reasoning behind the label they had created for their cultural identification.”.<sup>23</sup> Ou seja, as mulheres que participaram da pesquisa criaram rótulos para se identificarem culturalmente e socialmente, e é sobre essa temática que Bauman e Hall comentam quando relacionamos o mundo pós-moderno e as identidades sociais.

Portanto, neste capítulo foi possível compreender a coletividade grega localizada na cidade de Santiago; onde assim como em Buenos Aires, São Paulo e Porto Alegre, cada uma com o seu modo particular de enxergar e disseminar a cultura grega.

---

<sup>23</sup> Muitas dessas mulheres descreveram suas jornadas de forma metafórica ou real, quando se solicitou a explicação do raciocínio por trás do seu rótulo criado para a sua identificação cultural.

## Considerações Finais

Pode-se afirmar que a imigração grega está presente nas sociedades mundiais de diversas maneiras, a partir do processo apresentado no trabalho, alguns pontos específicos contidos são diversos dentro de cada uma das coletividades e cidades por onde a pesquisa se estendeu. Pode-se perceber o quanto a perpetuação da identidade (dentro da cultura) é importante, pois a cultura é uma modeladora das emoções dos seres humanos, e, a partir dessa ideia, conclui-se como as vivências dos imigrantes e descendentes gregos são diversas; cada um com sua respectiva história, construída por um mesmo denominador comum: a identidade grega. Essa dinâmica é importante em referência às sociedades que foram exploradas mostrarem-se diversas dentro de uma mesma cultura disseminada em diferentes polos, por diferentes características de gregos, pois o processo de emigração proporcionou um agrupamento de pessoas de diferentes regiões da Grécia que se situaram em um só lugar. E a partir desse encontro de gregos de diferentes regiões, foram fundadas as coletividades helênicas com a cultura base grega e algumas especificações de regiões diversas. São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires e Santiago, são cidades que compõem a América Latina como um todo, são cidades cosmopolitas que receberam inúmeras nações com inúmeras identidades culturais, porém dentro dessas metrópoles os gregos se destacaram na construção física, social e cultural, conquistando o seu espaço e fazendo a diferença para a cultura ‘mãe’ e a nova cultura que estava se formando.

No contexto do trabalho foi possível observar, a partir de relatos de gregos imigrantes e descendentes gregos, que o papel da coletividade foi fundamental para a construção do espaço social; o objetivo das coletividades helênicas no século passado era de promover um espaço físico e social para os imigrantes poderem se relacionar, as chamadas associações que manteriam os emigrantes inseridos dentro da cultura grega nesse novo espaço social, além promoverem a “defesa do imigrante” recém-chegado. Atualmente, os objetivos das coletividades é promover a cultura viva dentro do espaço social que um dia as coletividades construíram; o ponto essencial para a compreensão do que as associações helênicas representam nos dias de hoje é justamente uma das hipóteses do trabalho. As coletividades representam a resistência, a manutenção e a perpetuação da cultura helênica; é a paixão pela cultura que move todos aqueles que fazem parte das coletividades. De fato é um árduo trabalho manter a cultura de um povo

europeu dentro da América do Sul, principalmente no Mundo pós-moderno em que as coletividades estão inseridas (Hall, 2019), porém estas instituições cumprem com um papel primordial que merece uma valorização, visto que estes perpetuam a memória de seus pais, mães, avôs e avós. Como Stuart Hall define as identidades no mundo pós-moderno estão pairando no ar, e com essa ideia existem muitos atrativos para as nossas identidades de um modo geral, portanto quando as coletividades expressam a dificuldade de se manterem com sócios que fazem parte do contexto da identidade grega, uma das razões é a dificuldade de se identificar como descendente grego abrindo mão da sua nacionalidade (brasileira, argentina ou chilena). Dessa forma, grande parte dos entrevistados se identifica com a nação que está inserida (brasileiro, argentino e chileno), porém, suas raízes fazem com que os mesmos desfrutem de ambas as culturas. Não existe uma “crise de identidade social”, existe uma separação do ambiente em que os indivíduos se inserem, no sentido de não ser grego social e culturalmente o tempo todo, mas conseguir dividir com a sua nacionalidade presente. O que possibilita outro questionamento sobre a cultura influenciar os sentimentos dos indivíduos, onde as tradições (pessoais e culturais) merecem/devem ser mantidas, ou a cultura local onde o indivíduo habita é aquela que é “válida”.

O trabalho permitiu resgatar a memória dos imigrantes e descendentes gregos fazendo com que os mesmos possam relatar suas experiências pessoais, ou familiares do processo de imigração, pois muitos dos entrevistados apenas nasceram dentro do novo país, mas as raízes são gregas. Dentro disso, outra hipótese que pode ser comprovada é a cultura helênica se esvair dependendo das relações entre os descendentes gregos de cada região com pessoas de outras nacionalidades, deixando de certa forma a cultura helênica para trás; para tanto, a coletividade é a principal fonte que precisa reunir forças para ser capaz de manter o indivíduo dentro das “asas da cultura”, trazendo-o para perto da sua base cultural. O processo quem vem sendo feito (principalmente em Santiago e em Buenos Aires) demonstra certa preocupação com essa dinâmica, onde as pessoas estão se desconectando das suas raízes culturais e abrindo mão de mantê-las vivas; para tanto, a *Colectividad Helénica de Santiago* e o *Instituto Incorporado Colectividad Helénica* abriram as portas para as outras nacionalidades que queiram adentrar ao universo helênico, os chamados filo-helenos (admiradores da cultura grega).

Um ponto fundamental é a participação das mulheres na disseminação e preservação da cultura helênica; no decorrer do trabalho, percebe-se que elas são

naturalmente as protagonistas do processo da identidade cultural e preservação da memória. Outro fator que permite com que se pense dessa maneira é o exemplo da família de Mario Koutsovitis e da família de Maria Marinakis, onde esta foi inserida na cultura grega posteriormente, além da ligação com a cultura grega ser algo afastado por conta da figura paterna, que trabalhava fora de casa e muitas vezes não conseguia disseminar de forma natural a cultura. A família de Mario K., por outro lado, pai e mãe são de origem grega, o que possibilitou que o mesmo fosse inserido desde criança no idioma e nas tradições culturais. Portanto, quando Maria ocupa o cargo de presidente da coletividade de Santiago, ela volta a ocupar um lugar que é de direito dela, das mulheres gregas, onde a mesma promoverá a cultura helênica dentro de sua casa, com seus filhos que desde crianças veem sendo ensinados a amar e promover a preservação desta cultura.

Esse movimento das mulheres é fundamental dentro do processo da preservação da identidade grega; quando Tsolidis (2003) explora a identidade das mulheres gregas que habitam na Austrália e Canadá, estas declaram que a influência das mães dentro de casa fez a diferença no contexto identitário, onde grande parte das entrevistadas se coloca como gregas-canadenses, ou gregas-australiana, ou seja, a influência das mães dentro da sociedade mostra grande intervenção das protagonistas do trabalho; ademais, os dados se repetem no trabalho apresentado, onde grande parte dos entrevistados e entrevistadas com mães gregas demonstram uma maior proximidade com a cultura adotaram mais facilmente e aprenderam a amar e a se identificar como gregos (as).

Quando se fala do processo de imigração grega é memorável colocar em pauta que a Grécia viveu, por muitos anos, o domínio do Império Otomano, e que dentro desse período muitos cidadãos gregos deixaram o país; a Grécia também sofreu com a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais de forma indireta, mas o que culminou na saída da população foi à pobreza e a fome. Ademais, uma última motivação foi a Guerra Civil grega, pós Segunda Guerra Mundial, um conflito que impulsionou ainda mais a saída da população. A Grécia é um país com uma história mundial, que contribuiu para a formação do que existe hoje dentro da política, economia, sociedade civil, entre outros polos; mas, que sofreu por anos com problemas internos de dominação turca e guerras mundiais. Percebe-se a relevância contida neste trabalho, quando o mesmo se mostra como uma busca constante com relação à identidade social helênica fora da Grécia; e para responder este processo, é necessário estudar o processo imigratório feito pelos

imigrantes gregos em busca de preservar a memória cultural grega. Além de contribuir com relação à emigração grega especificamente, mostrando os protagonistas deste trabalho em diferentes regiões da América do Sul. A bibliografia com relação ao tema foi mais explorada pelos argentinos e chilenos; no Brasil, o tema ainda aparece de forma tímida quando comparada. Isso se deve muito pela influência das coletividades na Argentina e no Chile na promoção da preservação da cultura helênica, como foram salientadas no decorrer do trabalho, ambas as coletividades (chilena e argentina) possuem grande influência dentro do espaço social em que estão inseridas na sociedade, abrindo caminho para que o tema seja explorado de forma mais profunda em todo o contexto emigratório. Ademais, na Argentina, principalmente, a dança é extremamente característica com relação à preservação da memória cultural grega com a realização de tavernas gregas, shows e aulas de dança oferecidas por professores que estudaram na Grécia a temática da dança tradicional helênica, como exemplo salientado no trabalho, Mario Sideris e Mario Koutsovitis.

É importante ressaltar que a emigração é um fenômeno social que envolve diversos aspectos e dimensões da vida dos indivíduos, ressaltando a ambiguidade de ser benéfico ou não, uma vez que pode gerar danos ou benefícios para aqueles que realizam esse movimento. Convém, portanto que maiores estudos sobre migrações sejam realizados para que cada vez mais se potencialize a bibliografia disponível sobre o tema.

Compreender os fenômenos migratórios é parte do comportamento humano e grupal e de suma importância para as esferas sociais e políticas mundialmente, uma vez que movimentos e deslocamentos provocam mudanças nos territórios nos quais ocorrem em quantidade significante. O principal objetivo dessa pesquisa é contribuir como base bibliográfica e fornecer dados para os estudos sobre a emigração internacional, de extrema importância econômica, política e sociológica, além da emigração grega ser um processo pouco estudado, mas que possui uma relevância para os países da América e suas metrópoles.

Deste modo, todo imigrante possui o anseio de voltar a sua terra natal, por mais árduo que seja o processo; o procedimento de adaptação e inserção em um novo país pode ser doloroso, portanto a comunidade emigrante recorre aos temas centrais explorados no decorrer do trabalho – a preservação da identidade cultural e social, ao resgate da memória da comunidade social (os emigrantes) e a magnitude das coletividades helênicas na continuidade de todos os segmentos.

Portanto, acredita-se que este trabalho cumpriu com os objetivos principais de resgatar a memória do imigrante/descendente grego, uma vez que é possível explorar a questão da identidade, buscando as histórias de vida pessoais do grupo; por meio da ativa participação e visitação realizada às coletividades helênicas de Porto Alegre, Buenos Aires e Santiago, que abriram as portas para mostrar o trabalho que vem sendo realizado de forma sistemática e extremamente transparente. Os descendentes devem dar continuidade ao trabalho que começou no século passado ao passo que a remodelação de como praticar este trabalho vem sendo o desafio a ser superado dentro das coletividades helênicas.

## BIBLIOGRAFIA

- AKÇAM, Taner (2006). *A Shameful Act: The Armenian Genocide and the Question of Turkish Responsibility*.
- APRILE, Sylvie. *Exilé(e)s et migrant(e)s trasatlantiques: histoires entremêlées, historiographies parallèles*, Almanack, 2017 Guarulhos. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alm/n17/2236-4633-alm-17-3.pdf>>
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAENINGER, R.; BÓGUS, L.; MAGALHÃES, L. **Migrantes e refugiados sul-sul na cidade de São Paulo: Trabalho e espacialidades**. In: **Migrações Sul-Sul**. Realização: FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo – Nepo/Unicamp, 2018 (2<sup>a</sup> edição).
- BECKER, Howard. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Tradução: Maria Borges. Editora Zahar, 2007.
- BÓGUS, L. M. M.. **Italianos para o Brasil, Brasileiros para a Itália: dois momentos da imigração internacional**. In: Paviani, Jayme e Dal Ri Jr., Arno. (Org.). Globalização e Humanismo Latino. Porto Alegre/RS: Ed. PUC/RS, 2000, v., p. -.
- \_\_\_\_\_. **Migrantes Brasileiros Na Europa Ocidental: Uma Abordagem Preliminar**. In: UNICAMP. (Org.). **EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO INTERNACIONAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**. 1<sup>a</sup> ed. CAMPINAS: UNICAMP, 1996, v. p. -.
- \_\_\_\_\_. **O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios**. Ponto-e-Vírgula (PUCSP), v. 1, p. 126-145, 2015.
- BÓGUS, L. M. M.; FABIANO, M. L. A.. **O Brasil no Contexto das Migrações Internacionais Recentes**. In: Leda Maria de Oliveira Rodrigues. (Org.). **Imigração atual: dilemas, inserção social e escolarização Brasil, Argentina e EUA**. 1ed. São Paulo - SP: Escuta Editora, 2017, v. 1, p. 17-40.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**, Companhia das Letras, 1994.

CASTLES, S. (2005) **Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais**. s.l., Fim de Século.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The age of migration**. New York: Guilford Press, 2003.

Cervetto Carina, Contino Roxana y Suarez Liliana (2009). **Inmigración griega en Argentina. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

COHEN R., 1997, **Global Diasporas; An Introduction**, Seattle, University of Washington Press.

**CONSTANTINIDOU, Vassiliki Thomas**. Os Guardiões Das Lembranças: Memória E Histórias Dos Imigrantes Gregos No Brasil. **São Paulo, 2009**.

DAMILAKAOU, María, 2001: “**Comerciantes griegos en Buenos Aires: el caso de los “golosineros.”** En: Estudios Migratorios Latinoamericanos, Año 16, Nro. 48.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**, tradução brasileira de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 2, 1993.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. UNESP, São Paulo, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

\_\_\_\_\_. **Cultural Identity and Diaspora**. 1996.

\_\_\_\_\_. **Minimal Selves**. In: Appignanesi, Lis (Ed.). **The Real Me: Post-modernism and the question of identity**. ICA Documents 6. London The Institute of Contemporary Arts, 1987.

HIRSCHON, Renée, 1999: “**Identity and the Greek State: Same Conceptual Issues and Paradoxes**.”

JONES, Delmos. **Which Migrant? Temporary or Permanent?** in GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina – Towards a transnational perspective on migration. The New York Academy of Sciences, New York, 645, 1992, p 217-225

LE GOFF, Jaques. **Memória** – história. Trad. Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: Encyclopédia Einaud, v.1. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem.** 2. Ed., 5<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo, Contexto, 2019.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista.** 3<sup>a</sup> edição, São Paulo, Global, 1988.

POLLAK, Michael, **Memória, Esquecimento e Silêncio** – 1989 v.2 p. 3-15.

PORTES, Alejandro – **Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview**, in PORTES, Alejandro (ed.), The economic sociology of immigration – essays on networks, ethnicity and entrepreneurship, NY, Russell Sage Foundation, 1995, pg. 1-41.

\_\_\_\_\_ (2004) **Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante.** Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 69, Outubro.

SARMIENTO, Érica. **Emigração e exílio, novas abordagens nos estudos migratórios: considerações sobre o artigo de Sylvie Aprile.** Almanack, 2017, Guarulhos, n. 17, p. 29-44, Dec. 2017.

SASSEN, Saskia – **The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow**, New York, Cambridge University Pres, 1988.

SAYAD, Abdelmalek. **O que é um imigrante?** In: SAYAD, Abdelmalek. A imigração. São Paulo: EDUSP, 1998. p.45-72.

SINGER, Paul. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo.** In: “Economia Política da Urbanização”. São Paulo: Editora Brasiliense; 1975.

\_\_\_\_\_. Economia Política da Urbanização. São Paulo: Brasiliense, 1973 – **A Guisa da Introdução: Urbanização e Classes Sociais.**

TILLY, Charles – **Transplanted Networks**, in YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, **Immigration Reconsidered**, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, pg.79-95.

TSOLIDIS (2003). **MOTHERS, MEMORIES AND CULTURAL IMAGININGS**. Επιθεώρηση Κοινωνικών Ερευνών, 110.

VASCONCELLOS, H. D. **Alguns aspectos da imigração no Brasil**. Boletim do Serviço de Imigração e Colonização, n°3. São Paulo (Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio) 1941.

ZORBAS, Alejandro. NICOLAIDES, Nikiforos. **Griegos en Chile – Estudio Histórico y Social**. Santiago, Chile Gráfica Andes, 2010.

## Anexo

Roteiro de entrevista

Nome completo;

Nacionalidade;

Habitante da cidade de;

Portador do RG/CDI;

Local e data da entrevista;

Questões:

1. Quais as razões e como você e sua família chegaram à cidade de São Paulo, Buenos Aires, Porto Alegre ou Santiago?
2. Quantos imigrantes e descendentes existem na cidade e qual a relação deles com a coletividade grega?
3. Como você se identifica na cidade onde vive? Existe algum tipo de conflito identitário?
4. Qual a sua relação com a Coletividade Helênica?
5. Você enxerga a identidade cultural helênica dentro e fora das Coletividades Helênicas?
6. Como você enxerga a abertura da Coletividade a outras nacionalidades?
7. Você acredita que a identidade cultural helênica está se perdendo com o passar dos anos?
8. Quais as medidas de ação que a coletividade pode tomar para realizar a manutenção da cultura grega?
9. Se possível, comente um pouco sobre você, sua história e a como você enxerga todos os processos culturais promovidos dentro e fora da coletividade.
10. Qual a sua visão para o futuro da coletividade e da cultura helênica?